ANO 9 Nº96 2002 R$ 7,00
BOOKMAKERS
MACMANIA
Vídeo Digital
Final Cut 3: A Missão
Jaguar: O Mac OS X do Futuro
iBook 14": Um Laptop da Pesada
A Hora do Painter 7
O Satânico Dr. Norton
Nos Embalos dos Sharewares de DJs
Epson: Uma Impressora do Barulho
A Volta dos Screen Savers do Além
ISSN 1414-4395
96

O Mac na Mídia TONY DE MARCO

PAULICÉIA
GAROTA

Professorinha nota 10

Ana Paula Papa estreou na carreira artística aos 4 aninhos, num comercial em Floripa, sua terra natal. Desde então, foi levando a carreira de modelo como hobby, fazendo fotos e desfiles, até os 21 anos, quando começou a estudar Pedagogia na UFSC. Ano passado, ela voltou a investir na carreira de modelo e veio para São Paulo, para nossa sorte. Aos 24 anos e com um corpaço (todo natural), Ana Paula é, além de modelo e futura pedagoga, escultora em cerâmica – mais um lado artístico. Atualmente ela está em editoriais, campanhas publicitárias e, o que é melhor, anda solteiríssima, à procura do seu príncipe encantado. Ela gosta de namoros sérios e longos e de homens com atitude, que tomam a iniciativa. Quem quiser se habilitar: ela costuma se acabar na pista do Urbano, em Pinheiros, aos sábados. Quem a conquistar leva para casa uma mulher cheia de espírito aventureiro, que não gosta de passar muito tempo entre os lençóis: prefere as dunas, as pedras da praia, o carro, o banheiro do teatro, o elevador... Uau!

Você já visitou a Bienal?
Não, ainda estou planejando. Na verdade, fui convidada para participar daquela instalação na abertura, das mulheres nuas, mas não topei porque achei que ia ficar meio constrangida com a situação. Adoro ver artes plásticas, moro perto do Masp e sempre dou uma passadinha por lá e pela Pinacoteca para conferir as exposições.

Em quem você vai votar para presidente?
No Lula. Não gosto muito de política, mas procuro estar bem informada sobre o que acontece no país. E sempre votei na esquerda. Acho que os principais problemas brasileiros são a corrupção e os privilégios dos deputados. O Lula sempre tentou, e pretendo votar nele novamente.

De onde veio o dinheiro encontrado na Lunus?
Não sei exatamente, mas, de alguma maneira, devia ser dinheiro para conseguir alguma vantagem para a candidatura da Roseana. Eu também queria muito saber de onde ele veio.

Qual é a solução para a educação no Brasil?
Meu ideal é conseguir misturar arte com educação, minhas duas paixões, para poder ensinar de uma forma diferente. O ensino tradicional ainda está baseado num modelo arcaico. É desestimulante, precisa ser mais atraente para os alunos.

"Meus seios são lindos, mas minhas teorias sobre educação são muito mais legais"

8 PAULICÉIA maio/2002

QUEM TE VIU, QUEM TE VÊ

A monumental Ana Paula Papa, musa dos macmaníacos, foi parar nas páginas da Vip. Agora vamos torcer para que a próxima revista a "entrevistá-la" seja a Playboy.

JOGADORES DO LAKERS VÃO ÀS COMPRAS

Olha só como o iPod parece pequeno na mão do Shaquille O'Neal.

VIVE LA FRANCE

Historicamente a França é um dos maiores mercados da Apple. Talvez isso explique a profusão de "Macs na Mídia" encontrados em Paris. Um coelho atrás de crédito agrícola, máquinas de refrigerante pseudo-Aqua e uma conhecida maçã sem a dentada dão o clima.

A MEL É MUITO LOUCA, MAS NÃO É BURRA

A personagem drogada da novela "O Clone" surtou e destruiu o quarto antes de ser levada à força para uma clínica de recuperação. Mas repare na única coisa que ficou intácta. Escapando da fúria, o iMac foi poupado. Não se sabe se o motivo foi o amor à plataforma ou a certeza do alto valor de troca numa eventual subida no morro. Valeu, João Velho.

CHAMA O JURÍDICO!!!

Pra que inventar um logo com personalidade, se o do Mac OS já é tão legal e tá na mão, não é mesmo?

Mande sua colaboração para arte@macmania.com.br ou para a Editora Bookmakers: Rua Topázio, 661 - São Paulo - SP - CEP 04105-062.

PARABÉNS! VOCÊ É O NOVO WEBDESIGNER DO "DESCHAVA.COM"!... PODE MANDAR BALA!
RECEPÇÃO

SÓ MUITO CUIDADO COM OS... ...HACKERS!
ELES QUEREM ROUBAR SEU BANCO DE DADOS?

NÃO!
...ELES QUEREM ROUBAR O MEU ALMOÇO!!

NESTE MOMENTO, MEU COMPUTADOR MOVIMENTA MINHA CONTA, FAZ PAGAMENTOS, ANALISA O MERCADO, FAZ APLICAÇÕES...

...EU NÃO MEXO UMA PALHA!
© LAERTE

QUERO VINTÃO!
ENTÃO VAI TE VIRAR, PARASITA!!

TELEFONE, TEVÊ, COMPUTADOR...
AH, CHEGA!!

PRECISO DE ALGUM CONTATO COM O BOM E VELHO MUNDO REAL!
www.laerte.com.br

...SE EU LEMBRAR ONDE FICA A BOA E VELHA PORTA DE CASA.
© LAERTE

AFINAL, O QUE É "VIDA"?
SERES, OBJETOS, SOFTWARES, PROGRAMAS...
...TUDO É APENAS INFORMAÇÃO!

¡NHOOOM!
PLOU!

PRA SUA INFORMAÇÃO, ISTO É "PARE".
© LAERTE

MÁRCIO NIGRO

Me dá permissão?

Quando vários usuários compartilham o mesmo Mac

O Mac OS X é um sistema operacional verdadeiramente multiusuário. Mesmo que você seja a única pessoa a usar sua máquina, todos os recursos para que várias pessoas compartilhem o computador estão lá, prontos para serem utilizados. O OS 9 também oferece algo similar (o painel Multiple Users), mas de forma muito mais precária. Porém, o espírito é similar em ambos: você tem o compartilhamento de arquivos e a possibilidade de definir quem poderá “logar” no Mac. O novo elemento na jogada são as permissões, algo cuja compreensão é fundamental quando o assunto é múltiplos usuários.

Permissão

Vindas do mundo Unix, as permissões definem quem pode abrir (ler) ou editar (escrever ou gravar) documentos e programas. No OS 9, os privilégios de compartilhamento de arquivo só se aplicavam aos usuários remotos. No OS X, eles se aplicam também aos usuários locais. Você não consegue ver ou modificar as pastas privadas de outros usuários.

Visualizar e alterar permissões não é tarefa difícil no OS X. Selecione qualquer documento ou programa e escolha Mostrar Informações no menu Arquivo do Finder, ou simplesmente dê ⌘I. Na janela de informações, selecione a opção Privilégios no menu.

Você verá quem é o proprietário do arquivo, o grupo ao qual pertence, além dos privilégios de cada tipo de usuário.

Os privilégios de cada tipo de usuário podem ser modificados apenas pelo dono do arquivo, que pode definir que outros usuários tenham direito a Somente Leitura, Somente Gravação ou Leitura & Gravação. Você ainda pode aplicar os privilégios a todas as subpastas que estiverem dentro de uma pasta, clicando no botão Aplicar. Com isso, você terá controle sobre quem pode fazer o quê com cada arquivo instalado em seu disco rígido.

Contas de usuário

Agora que você já entendeu as permissões, é hora de criar contas de usuário no Mac OS X. O que também não é difícil de fazer. Durante a instalação do sistema, você precisa criar uma conta e fornecer uma senha. Essa será a conta principal (administrador) e o Mac poderá funcionar apenas com ela, se você não se importar em compartilhar seus dados com outros usuários. Melhor e mais seguro mesmo é criar uma conta para cada um. Assim, todo mundo terá seu cantinho privado, sem incomodar os outros. E você poderá ter seus arquivos pessoais em segurança.

O OS X possui uma pasta padrão chamada `Users` (localizada no diretório principal do seu HD), onde cada usuário terá sua própria pasta – que leva o nome da conta (ex: `Users/Jamelão`) – onde serão armazenadas todas as suas configurações personalizadas. Dentro dela já existem outras subpastas para armazenar músicas, fotos, filmes, documentos e outras coisas. Até o desktop é guardado numa pasta, o que garante que cada usuário possa configurá-lo do jeito que quiser sem influir no desktop de outro usuário.

Tudo o que estiver nessas pastas é apenas para seus olhos e mais ninguém, a menos que você mude as permissões desses arquivos. No final das contas, o usuário não sentirá que o Mac é usado por outras pessoas, pois todas as configurações de sistema e de programas serão individuais. A tela de fundo do desktop, as preferências do Word, seus dados de email e tudo mais estão na pasta do usuário, também chamada de Início (Home) e que aparece como padrão na barra de ferramentas das janelas do Finder.

Proprietário
Obviamente, é o dono do arquivo, ou seja, o usuário que gerou o documento ou instalou o programa. Sempre tem direito a leitura e gravação.

Grupo
Os grupos do OS X não são tão simples de se criar quanto no OS 9, mas também são menos necessários. São importantes para locais com Macs em rede e usuários remotos. Por isso, você pode ignorá-los.

Todos
Qualquer um que estiver fuçando no seu Mac.

Normal e administrador

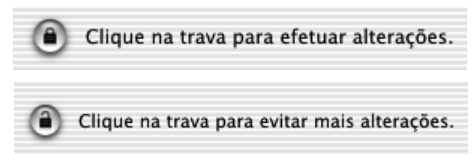
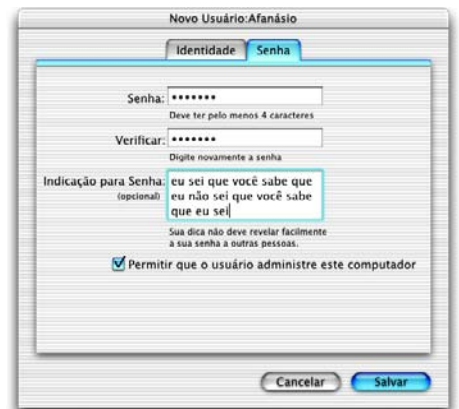
No Mac OS X é possível criar dois tipos de usuários: normal e administrador. Os normais têm poderes limitados, não podendo instalar

programas ou mudar configurações que afetem os demais usuários – como, por exemplo, adicionar usuários e modificar senhas. Assim como o detentor da conta principal, os administradores têm permissão para gerenciar o Mac, podendo inclusive criar contas.

Para adicionar um usuário, abra as Preferências do Sistema, clique no ícone Usuários e você verá a listagem das contas registradas.

No seu caso provavelmente haverá apenas uma, a sua, que foi a que você criou quando instalou o OS X. Ao lado está especificado o tipo de usuário. *Admin* é um usuário ao qual é permitido administrar o Mac. Se não houver nada escrito nessa coluna, é porque trata-se de um usuário normal. Clique no botão Novo Usuário.

Na caixa de diálogo, defina o nome do usuário no primeiro campo (Nome) e logo abaixo uma abreviação de até oito caracteres do nome, sem espaço. Esse é um nome alternativo que poderá ser usado em algumas tarefas do sistema. Você também poderá definir uma imagem de *login* a partir das opções oferecidas, escolhendo uma imagem manualmente, clicando no botão Escolher e indicando sua localização ou, ainda mais fácil, arrastando uma imagem do Finder para o campo Imagem de Login.

Apenas usuários administradores conseguem abrir o cadeado e alterar as configurações do sistema

Em seguida, clique na aba Senha, defina a senha do usuário no campo Senha e digite-a novamente em Verificar. Em Indicação para

a Senha, você pode escrever um lembrete que ajude o usuário a lembrar da senha, caso ele se esqueça. Por fim, caso queira que o dono da conta tenha o privilégio de administrar o sistema, clique no quadradinho abaixo. Clique no botão Salvar e a nova conta será criada. Repita a operação quantas vezes for necessário. Para apagar um usuário, basta selecioná-lo e clicar no botão Apagar Usuário. É bom saber que qualquer usuário com o privilégio de administrador é capaz de fazer o mesmo. Ou seja, ele pode deletar a sua conta. Por isso, só garanta o "cargo" de administrador àqueles em quem você confia.

Janela de Login

Quando há apenas uma conta cadastrada no sistema, normalmente o *login* é feito automaticamente quando o sistema é iniciado. Quando há mútiplos usuários, no entanto, é melhor desabilitar essa função, por questões óbvias de segurança. Assim, nas Preferências de Sistema, clique em Login e em seguida na aba Janela de Login. Se a caixinha Acesso Automático estiver marcada, desmarque-a. Com isso, toda vez que o Mac OS X for iniciado, uma janela de *login* surgirá durante o processo de partida. Ainda no painel Login, você pode definir se a janela de *login* terá apenas os campos de nome e senha ou se aparecerá a lista dos usuários com conta no Mac, que é a opção mais prática. Você pode também marcar a caixinha "Mostra uma dica da senha após 3 tentativas de digitação de uma senha", para que o lembrete de senha apareça se o usuário esquecê-la.

Depois de alterar essas configurações, toda vez que você iniciar o Mac OS X surgirá a janela de *login*, onde o usuário clica no ícone referente à sua conta (se esta opção estiver ativada) e digita sua senha. Um detalhe interessante é que as contas normais não precisam ter uma senha. Assim, se os campos de senha forem deixados em branco, as pessoas sem privilégios de administrador podem "logar" no OS X simplesmente clicando no seu ícone.

Arquivos compartilhados

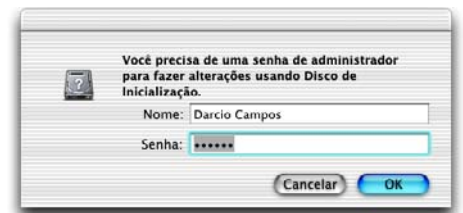
É importante ter recursos de segurança para proteger seus arquivos de outros usuários. Porém, é provável que, em determinados momentos, você queira compartilhar documentos com todos. Para isso existem alguns meios diferentes.

A pasta `Shared`, dentro de `Users`, serve exatamente para essa tarefa. Trata-se de uma pasta comunitária a que todos têm acesso, onde você pode colocar arquivos de interesse geral – qualquer item criado em `Shared` tem seus privilégios automaticamente alterados para que qualquer usuário possa abri-lo. (Arquivos que são apenas movidos ou copiados para essa pasta mantém as permissões originais, e pode ser necessário alterá-las).

A outra maneira de compartilhar arquivos é a sua pasta Public, que encontra-se na sua pasta de início (`Users/nome do usuário/Public`). Essa é a única pasta que permite que outros usuários leiam seu conteúdo, mas não que gravem algo nela. Dentro do diretório Public há a pasta Drop Box, que serve como a "caixa de entrada" de seu Mac. Qualquer pessoa pode jogar arquivos ali, mas apenas você pode ver seu conteúdo. O mesmo vale para os outros usuários: se você colocar um documento numa Drop Box que não seja sua, só o dono dela poderá ter acesso ao que estiver lá.

Legal, mas qual a diferença entre as pastas Shared e Public? Se o Compartilhamento de Arquivos (File Sharing) estiver ativado, o usuário que estiver acessando seu Mac remotamente, ou seja, via rede, só poderá ver a sua pasta Public; as outras, incluindo a Shared, serão inacessíveis. Assim, o diretório Public é a única maneira de compartilhar documentos com usuários remotos. Para ter acesso às suas outras pastas e a discos montados no seu Mac via rede, você vai precisar se "logar" nele (via Chooser no OS 9 ou pelo comando Conectar o Servidor (⌘K) com sua senha de administrador. Como convidado (Guest) você só vai ver a pasta Shared mesmo.

Alterando as leis

Você não é obrigado a conviver com a estrutura padrão da pasta Public. Nada impede que você altere as permissões dela e da Drop Box. Para isso, basta abrir a janela de informações de uma ou outra e determinar outros privilégios. Contudo, é importante tomar ações conscientes para não prejudicar a segurança de seus arquivos, pois essa história de permissões tem suas pegadinhas.

Como regra geral, os arquivos adquirem as permissões da pasta em que foram criados. Por exemplo: um documento gerado no desktop delega apenas privilégios de leitura ao outros usuários. Só que isso pode gerar um certo problema de segurança com múltiplos volumes, uma vez que discos secundários – outro HD, uma segunda partição, discos FireWire, Zips, etc. – garantem que todos leiam e gravem arquivos. Por isso, talvez seja interessante mudar as permissões do volume inteiro, para pastas individuais dentro dele ou apenas para alguns arquivos. Enfim, tudo depende do tipo de situação em que você se encontra. Aqui na redação da Macmania, o pessoal é tudo macmaníaco sangue-bom e não encana com esse negócio de permissões. Agora, no seu caso... vai saber com quem você anda. M

MÁRCIO NIGRO
Sempre pede permissão quando quer ir ao banheiro.

Seguro? Nem tanto...

Não pense que, por estar protegido por um *login* e uma senha que só você conhece, seus dados estão totalmente protegidos dos outros usuários que usam seu Mac. A coisa mais fácil do mundo é bisbilhotar o conteúdo "privado" de um usuário, tendo acesso físico ao Mac. Existem várias maneiras, mas com certeza, a mais fácil é restartar pelo OS 9, que não tem esse sistema de permissões e, consequentemente, deixa qualquer pasta ao alcance de todos. Se você tem algo realmente sigiloso, é melhor colocar num CD e levar com você para casa.

Tiago Ribeiro

*"**Mac OS 9 foi um amigo de todos nós.** Trabalhava incansável em nosso benefício, sempre ao nosso dispor, rodando nossos programas, nunca recusando um comando, exceto ocasionalmente, quando esquecia onde estava e tinha que ser restartado. Mac OS 9 veio a este mundo em outubro de 1998, ao preço sugerido de US$ 99. Foi talvez o melhor sistema para a Internet de sua geração. Centenas de revendas realizaram "sessões da meia-noite" para celebrar seu nascimento. Foi o mentor de muitas novas tecnologias, incluindo Sherlock, Keychain e auto-atualização. Ele os ajudou a ser o que são hoje. Era humilde. Mesmo totalmente otimizado para tirar proveito da incrível performance do processador G4, nunca ostentou seu enorme poder com um menu Start. Estamos hoje aqui para velar pelo passamento de Mac OS 9. Ele agora está no grande paraíso dos bits, lá no céu, olhando para nós com aquele mesmo sorriso que mostrava toda vez que bootava. Mac OS 9 deixa conosco sua nova geração, Mac OS X, e milhares de programas, a maioria legítimos. Por favor, juntem-se a mim em um momento de silêncio enquanto lembramos nosso velho amigo: Mac OS 9."*

Jaguar é o bicho

Steve Jobs "enterra" o Mac OS clássico e anuncia grandes aperfeiçoamentos para o Jaguar, a próxima versão do Mac OS X

A abertura da **Worldwide Developers Conference 2002** – maior evento de desenvolvedores Apple do mundo, ocorrido no início de maio, em San Jose, na Califórnia - foi o enterro definitivo do Mac OS 9. Em seu discurso, Steve Jobs entrou no palco ao som da marcha fúnebre e tirou uma cópia do sistema de dentro de um caixão. *"Estamos aqui para lamentar o falecimento do Mac OS 9"*.

Em seguida, começou a prometer grandes novidades para o próximo grande upgrade do Mac OS X, que deve sair em setembro.

A nova versão do sistema operacional, de codinome Jaguar (o "nome" oficial deve ser Mac OS X 10.2, mas isso ainda não é certo), contará com diversas novas tecnologias, representando um grande avanço em relação ao sistema que conhecemos hoje.

Quartz Extreme

A boa notícia é que você vai ter que comprar um Mac novo. Os engenheiros da Apple reescreveram o código de gerenciamento gráfico do Mac OS, o Quartz, rebatizado de Quartz Extreme. Redirecionaram toda a parte gráfica (2D, 3D e vídeo) para o mesmo *pipeline* do OpenGL, o que, segundo quem acompanhou a demonstração em um iMac 800, traz uma melhoria de desempenho impressionante.

No entanto, Jobs avisou que a tecnologia não funcionará em Macs com chips gráficos ATI RAGE 128 ou inferiores: só em modelos com placas AGP 2x e, de preferência, 32 MB. Ou seja, o Quartz Extreme só vai acelerar os novos iMacs e os Power Macs G4 mais recentes. Os portáteis atuais (exceto os recém-lançados PowerBooks G4 de 667 e 800 MHz) e Macs mais antigos continuarão na mesma, utilizando o Quartz "default". Isso não quer dizer que essas máquinas não venham a ter nenhuma melhora de desempenho. Mudanças no compilador utilizado pela Apple e outras melhorias no código do Finder farão o Jaguar rodar mais rápido que o 10.1 em qualquer máquina.

Dock reformulado (mais uma vez)

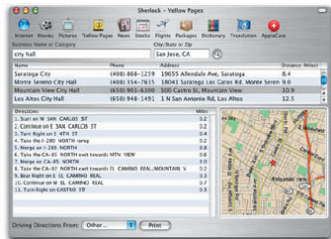
iChat

Comunicação é o grande tema do Jaguar. Das várias tecnologias prometidas para ele, a maioria servirá para aumentar a conectividade do Mac com outros Macs, PCs, celulares, PDAs e outros aparelhos. O iChat é um bom exemplo disso. O programa oficial de mensagens instantâneas do macmaníaco moderno oferecerá compatibilidade com o AOL Instant Messenger (mas nada de ICQ). Além dos recursos normais do AIM, o iChat pode criar listas de contatos incluindo as pessoas conectadas na rede local e compartilhar arquivos por *drag and drop.*

Rendezvous

Que tal conectar seus Macs em rede sem precisar se preocupar com servidores, DNS, números IP ou coisa que o valha? Imagine só...colocar um iBook perto de outro Mac com placa AirPort e os dois se reconhecerem, permitindo imediatamente a troca de arquivos, conversas pelo iChat e streaming de áudio, vídeo e fotos! O Rendezvous reúne uma série de protocolos já existentes no Mac e no Windows em uma maneira fácil de colocar dois equipamentos em rede sem a necessidade de

configuração. Em sua demonstração, Jobs tocou arquivos MP3 localizados em outro Mac conectado via AirPort. O interesse da Apple é que fabricantes de impressoras, PDAs e outras plataformas adotem o Rendezvous, e por isso está propondo que a tecnologia seja um padrão aberto.

Sherlock 3

O Sherlock não vai mais servir para buscar arquivos. Em vez disso, vai ter sua ferramenta de busca na Web anabolizada, mostrando diretamente em sua janela o resultado em HTML de suas buscas. Ao que parece, será algo idêntico ao que oferece hoje o programa Watson, da Karelia Software (www.karelia.com), que, por sinal, ganhou o prêmio Apple Design Awards. Pelo jeito, a Apple gostou tanto do programa que resolveu copiá-lo.

Integração a redes

Com a nova versão os Macs poderão se integrar mais facilmente a redes Windows e terão suporte a redes privadas virtuais (VPN). Vai ser possível navegar em redes baseadas em SMB pela janela de "Conectar ao Servidor" da mesma forma que hoje se navega pela rede AppleTalk.

Mail

O programa de email do OS X será melhorado e permitirá a fusão de diversas caixas postais, compatibilidade com servidores Microsoft Exchange, filtros mais sofisticados (vai ter até um filtro de spam) e suporte a QuickTime dentro das mensagens.

Volta a janela de Find e estréia o campo de busca na janela do Finder

Address Book

Se o objetivo da Apple é tornar o Mac mais "conectável" com outros equipamentos inteligentes, um banco de dados que guarde todos os seus contatos é fundamental. O Address Book vai ser completamente remodelado e integrado ao sistema. Qualquer programa ou aparelho poderá acessar as informações guardadas nele para oferecer um serviço melhor.

QuickTime 6

E por falar no assunto, Steve Jobs disse que o QuickTime 6 estará embutido no Jaguar, rodando e convertendo filmes para MPEG-4 e áudio em AAC, formato com qualidade de compressão maior que o MP3. Na demostração do novo QuickTime, Jobs mostrou como ele dispensa o tempo prévio de *buffering*, arrastando o controle deslizante do filme pela linha de tempo e fazendo o *streaming* recomeçar instantaneamente de qualquer ponto, sem aquele "tempinho" para carregar.

Info melhorado

Ink

Uma tecnologia de reconhecimento de escrita (oriunda do extinto Newton) permitirá que você escreva textos com um tablet, em qualquer programa que ofereça essa possibilidade. Os rumores sobre um futuro PDA (ou Mac-prancheta) da Apple voltaram a circular.

Mudanças no Finder

O Finder do Jaguar também ganhará melhorias, como criação automática de ícones *(thumbnails)* e, finalmente, pastas automáticas. A busca por aquivos foi integrada ao Finder, com um campo incorporado à barra de ícones. Se você dá ⌘F, abre-se uma caixa de "Find" muito parecida com a que o sistema clássico tinha antes do Sherlock. A janela de Info também foi redesenhada.

A janela abrindo em zoom retorna em grande estilo

Mais painéis de preferências? Onde isso vai parar?

Mudanças mais sutis incluem o Dock "limpo" das listrinhas horizontais frufrus; cada ícone de janelas no Dock é acompanhado de um mini-ícone do aplicativo "dono" da janela, facilitando o reconhecimento visual; mais preferências visuais para as janelas do Finder, incluindo os tamanhos das fontes nos nomes dos ícones.

Só em CD

Pelo tamanho do Jaguar (na WWDC ele foi distribuído em dois CDs, numa caixinha decorada com textura de pele de onça), é bem provável que ele seja distribuído da mesma forma que o 10.1: apenas em CD, com a Apple cobrando apenas pelos custos de envio. Porém, nada ainda foi divulgado a respeito. Jobs fez questão de ressaltar que *"é hora de largar o OS 9; 100% do que estamos fazendo é apenas para o X"*. Para ele, as outras empresas deveriam seguir o mesmo rumo. Nada contra a maioria que ainda usa o sistema clássico, mas que quem *desenvolve* software deve esquecer dele. A Apple espera que dos pouco mais de 1 milhão de hoje, os usuários de Mac OS X passem a cinco milhões até o final deste ano.

Acesso ao firewall de dentro do System Preferences

Decida exatamente o que o Mac deve fazer ao ter um disco ou aparelho externo conectado

Novo Preview, com ferramentas na janela e exportação em mais formatos

Aperfeiçoamentos menores: cursor com sombra, novo "reloginho" animado em lugar do odiado disco colorido e sinalização para a tecla de Eject

Um G4 com monitor por US$ 999

É difícil descrevê-lo. Imagine um velho iMac Snow com um monitor CRT plano de 17 polegadas, um toque de novo iMac no gabinete e processador G4. Ainda conte uma tampa que parece um *quipá* na parte de trás e teclado e mouse brancos. E o detalhe: pesando 23 quilos.
Sim: trata-se do novo lançamento da Apple, e tem o sugestivo nome de **eMac.** Uma máquina desenhada especialmente para o mercado educacional.
O eMac vem em três versões, todas com processador G4 de 700 MHz e 40 GB de HD. Duas têm drive Combo e modem de 56k. Uma versão mais barata, com CD-ROM e sem modem, é vendida apenas diretamente para escolas e faculdades, por US$ 999. O modelo topo-de-linha possui 512 MB de RAM; os outros vêm com 128 MB.
Acompanham os tradicionais programas do "hub digital" da Apple: iMovie, iTunes e iPhoto. Três portas USB (a Apple, muito espertinha, fala em cinco, contando as do teclado), duas FireWire, entrada e saída de áudio e uma saída de vídeo Mini-VGA.
A Apple também criou (vendido separado, por US$ 49) um pedestal de acrílico transparente (chamado de eMacTilt & Swivel Stand) para deixar o monitor mais alto e reclinável.
O eMac, além de ser seis quilos mais pesado do que o iMac tradicional por conta da tela maior, não tem alça de transporte no topo, já que foi criado para *não* ser carregado por aí. Mas o comprimento da tela até a traseira é o mesmo, para que ele não ocupe mais espaço que os iMacs que as escolas já têm sobre as carteiras.

Mercado cativo

A Apple está definitivamente fazendo de tudo para manter sua liderança no mercado educacional. Além de vender o modelo "pé-de-boi" somente para instituições de ensino, tem uma tabela de preços diferenciada para escolas e faculdades; elas pagam apenas US$ 1199 (US$ 1465 pelos modelos Combo). Estudantes e professores que queiram ter um eMac em casa pagam US$ 1249 e US$ 1516, respectivamente.
Ainda não se sabe se e quando o eMac vai ser vendido no Brasil. Tradicionalmente, a Apple não costuma vender os modelos dirigidos ao mercado educacional norte-americano por aqui, ou vende apenas muito tempo depois do seu lançamento nos EUA.
Se o eMac não vier, será uma enorme oportunidade perdida de ampliar o mercado por aqui, pois as vantagens de um Mac G4 barato são óbvias em um país onde o preço é o grande empecilho ao crescimento da plataforma.
O jeito é esperar para ver.
eMac: www.apple.com/education/emac

Uma mistura do iMac novo com o velho, criada especificamente para escolas

Titanium mais rápido

No mesmo dia do eMac, Apple lança PowerBook G4 de 800 MHz

No embalo do eMac, a Apple deu uma garibada em sua linha de portáteis. O **PowerBook G4 Titanium** agora vem com processadores de 667 e 800 MHz. Ambos pertencem à família PowerPC 7500 (a mesma utilizada nos Power Macs) e trazem 1 MB de cache L3 – inédito em um notebook, ele deve acelerar bastante o desempenho dos novos portáteis.
Revertendo uma decisão severamente criticada pelos usuários, a Apple trouxe de volta o plug "bananinha" para entrada de áudio, eliminado dos Macs lançados nos últimos dois anos. Em compensação, sumiu com a porta IrDA (infravermelho). A tela de 15 polegadas subiu de resolução, de 1152x768 para 1280x 854 pixels, e há uma nova porta DVI para ligar o Titanium a monitores digitais da Apple. O cabo DVI/ADC deve ser comprado à parte, pois junto com o PowerBook vem apenas um conversor DVI/VGA.
As especificações restantes são parecidas com as dos modelos antigos: drive Combo, 256 MB ou 512 MB de RAM, HD de 30 ou 40 GB e 133 MHz de bus do sistema. O modelo de 667 MHz está saindo nos EUA por US$ 2499, e o de 800 MHz, por US$ 3.199. Até o fechamento desta edição não havia previsão de quando eles chegarão ao Brasil.
PowerBook G4 Titanium: www.apple.com/powerbook

Um armário de Macs

Apple manda ver no *enterprise computing* com servidor de rack

A Apple também quer participar da festa dos servidores. Para isso, não bastava ter só um sistema operacional para esta função, o Mac OS X Server, ou só um computador de mesa gambiarrado para a função (o G4 Server). Agora sim: a Apple tem o **Xserve**. Esse novo servidor de rack foi anunciado pelo próprio Steve Jobs, que começou seu discurso dizendo que a Apple é a maior desenvolvedora de Unix do mundo.
O Xserve é direcionado para os mercados corporativo e educacional. Cada módulo possui altura de 1U (4,45 cm); como o rack padrão tem 42U de altura, é possível empilhar igual número de módulos, reunindo incríveis 630 gigaflops num só gabinete. Cada módulo possui um ou dois processadores G4 de 1 GHz, 2 MB de cache L3 DDR (Double Data Rate) e pode chegar a 2 GB de memória SDRAM DDR. Além disso, ele possui três slots PCI de 66 MHz (sendo dois deles de 64 bits), placa de vídeo VGA que aceita *headless booting*, teclado e mouse (apenas se necessário), três portas FireWire, duas USB, um console serial DB-9, uma placa Ultra3 SCSI e duas portas Gigabit Ethernet.
O Xserve aguenta até quatro discos de 120 GB (480 GB no total), trocáveis com a máquina em funcionamento, e vem com licença ilimitada do Mac OS X Server, com QuickTime Streaming, WebObjects e atualizações recentes do Apache, Samba, PHP, MySQL e Tomcat. A Apple garante que o Xserve suporta aplicativos barra-pesada como *streaming* de vídeo digital e imagens digitais em alta resolução e também é ideal para bancos de dados científicos. Algumas empresas já começaram a avisar que vão lançar produtos compatíveis com o

Xserve, entre elas Oracle, HP, Sybase, Adobe e 4D.
A despeito das vantagens oferecidas, o Xserve ainda não é perfeito. Ele não tem como opcional o suporte a RAID via hardware, e não possui fonte redundante. Porém, no final do ano vai sair um RAID externo com as seguintes especificações: 3U, espaço para 14 drives ATA com controlador independente pra cada um, CPU independente para o RAID com 128 MB de cache e conexão ao Xserve via Fibre Channel (na versão de cobre) duplo com capacidade de 2GB/s cada.
Xserve: www.apple.com/xserve/specs.html

iPhoto atualizado

A Apple lançou uma atualização do **iPhoto**, seu software para organizar e compartilhar fotos. A versão 1.1.1 traz controles de brilho e contraste, integração com o Mail do OS X para enviar fotos por email e ainda a opção de configurar suas fotos favoritas como papel de parede, ou criar uma proteção de tela (screen saver). O novo iPhoto também possibilita criar filmes QuickTime com *slide shows* das fotos, incluindo música e transições suaves, e incluir os arquivos em DVDs, usando o iDVD (se bem que a opção de *slide show* embutida no iDVD funciona melhor). A atualização também permite buscar fotos na biblioteca a partir do campo de comentários; ver os metadados associados a fotos JPEG (data de criação, velocidade do obturador, *f-stop* etc.); preservar nomes de arquivos quando importados do Finder; e imprimir com aproveitamento mais eficiente do papel com os novos modelos de álbuns.

Agora com controles de brilho e contraste e integração com o Mail

O iPhoto pode ser baixado gratuitamente do site da Apple e requer o Mac OS X 10.1.2 ou superior. Ao preencher o cadastro para baixar o programa, você recebe por email uma útil lista de atalhos de teclado.

iPhoto: www.apple.com/iphoto

Prêmio Apple de Criatividade: começa a corrida

Tema deste ano será os "Doutores da Alegria"

Jovens publicitários e estudantes de propaganda, cinema, rádio e TV, profissionais de Web e vídeo digital: podem pegar seus Macs e se preparar, pois a corrida para o Prêmio Apple de Criatividade Digital já começou.

O evento de lançamento do prêmio aconteceu na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em São Paulo, no início de maio. O tema do evento deste ano será os Doutores da Alegria.

A dupla vencedora da categoria Jovens Profissionais ganhará uma vaga na delegação brasileira Young Creatives 2003, em Cannes. Já a escola que tiver o maior número de alunos inscritos irá receber três iMacs de 700 MHz.

O Prêmio Apple de Criatividade Digital 2002 é dividido em quatro categorias: Web Design, Vídeo Digital, Mídia Impressa: Estudantes e Mídia Impressa: Jovens Profissionais. As edições anteriores do Prêmio Apple beneficiaram entidades como a Fundação Mata Atlântica, a Abrinq, a ONG Cidade-Escola Aprendiz, do jornalista Gilberto Dimenstein, e o Projeto Pomar.

PCA: www.apple.com.br/criatividadedigital

Mac.com agora tem webmail

A Apple inaugurou uma versão beta do seu **webmail** (serviço de acesso à conta de mail @mac.com pelo browser). Essa conta de email faz parte do iTools, serviço via Web que inclui também disco virtual e home page pessoal. (Para se inscrever é necessário ter o OS 9 ou superior instalado.) Até agora, só era possível ler ou responder às mensagens através de um cliente de email.

Quem já tem uma conta só precisa entrar no site. O nome de usuário e a senha são os mesmos de sempre. Apesar de estar ainda em fase de teste, o serviço, que utiliza a tecnologia WebObjects da Apple, tem funcionado muito bem. Entre suas funções existe a possibilidade de colocar uma foto sua como assinatura.

Se você ainda não tem conta no iTools, demorou. Ela é de graça.

Webmail Mac.com: www.apple.com/itools

Um navegador para brasileiros

Omni Group lança o primeiro browser em português para Mac

Uma das vantagens matadoras do Mac OS X é seu suporte a várias línguas. Não só para trocar o idioma do sistema, mas a facilidade para traduzir programas.

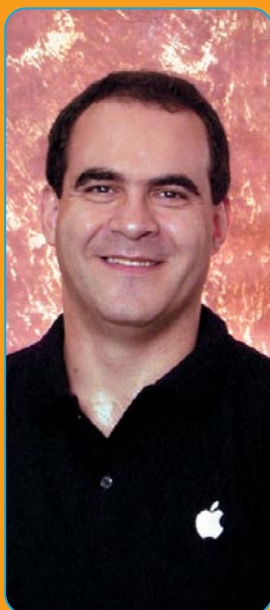
E os frutos dessa nova era começam a surgir para nós. A OmniGroup, que já fazia softwares para o NeXTStep (precursor do Mac OS X), lançou uma versão beta pública do seu navegador para Internet, o **OmniWeb.**

Essa versão (4.1) vem localizada para português do Brasil e de Portugal, além de 14 outras línguas. A tradução foi feita pelos irmãos Fabio e Tiago Ribeiro, do ADC *(entrevistados na Macmania 91)*. Não é perfeita ainda, mas o OmniWeb é o primeiro browser para Mac que fala o nosso idioma. Isso nem a Microsoft teve a manha de fazer. O download é grátis e você pode usá-lo à vontade. Se você se incomodar com os lembretes para comprar uma licença, pode eliminá-los pagando US$ 29,95 (preço para a versão 4,0).

OmniWeb: www.omnigroup.com/applications/omniweb

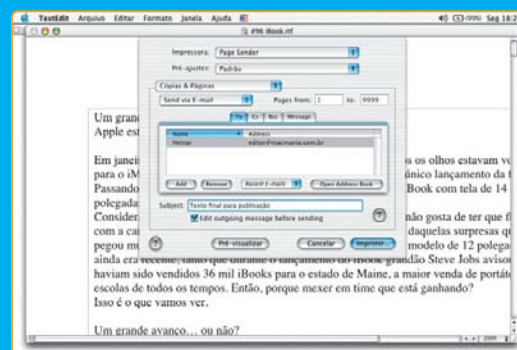
Apple Brasil já tem gerente geral

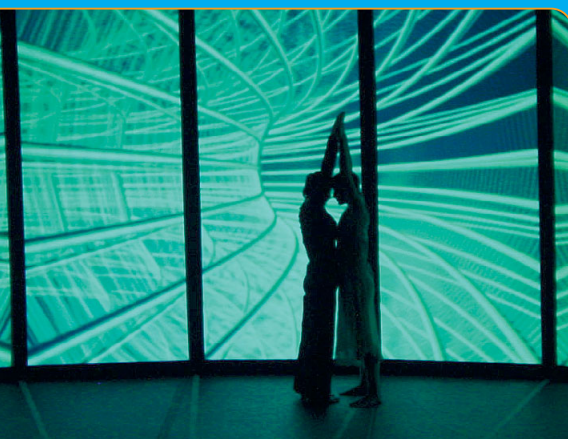
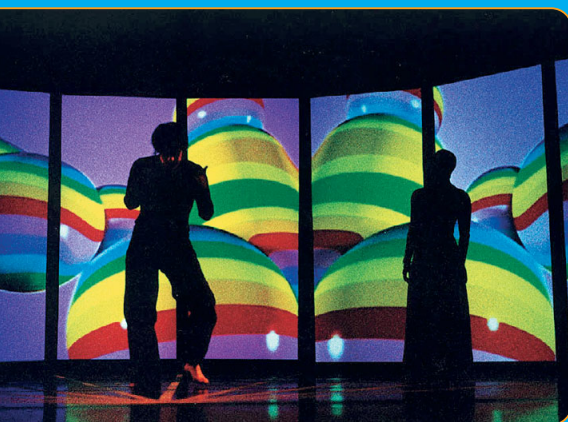
Depois de de acumular as funções de *controller* e diretor interino da Apple Brasil nos últimos dois anos, **Marinaldo Azevedo** assumiu definitivamente o cargo de Country Manager da subsidiária brasileira. Formado bacharel em Ciências Contábeis pela Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo (Facesp) e pós-graduado em Contabilidade e Finanças pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), ele assume a direção da Apple no Brasil aos 36 anos de idade, trazendo a experiência acumulada em diversas posições que ocupou nas empresas onde trabalhou, como o Banco Real, KPMG Auditores Independentes, Du Pont do Brasil, Capcom (Romstar) e Baan Business Associates.

Marinaldo Azevedo perde o "i" de "interino" e passa a ser Country Manager para a subsidiária brasileira

Mandando bem por email

O **Page Sender,** da Smile Software, permite mandar facilmente por email qualquer documento criado num programa para Mac OS X (Word v.X, InDesign 2,0, Illustrator 10 etc.). O software não é um programa de email, mas funciona com os mais comuns (Eudora, Mail, Entourage, Outlook Express e PowerMail) e utiliza como banco de dados os catálogos de endereços desses programas ou o Address Book do OS X e do Palm Desktop. Você pode mandar o mesmo arquivo para várias pessoas de uma só vez. Depois de criar o documento, clique em Print para abrir a caixa de diálogo do Page Sender. Você escolhe o nome das pessoas para quem vai mandar o email e o programa transforma o seu arquivo num PDF, que pode ser lido em qualquer plataforma com o Acrobat Reader. A taxa de registro é de US$ 20.

Page Sender: www.smilesoftware.com/pagesender.html

Page Sender transforma documentos em PDF e os envia pra quem você quiser

Cenografia virtual

Peça "O Falcão e o Imperador" tem todo o seu cenário produzido em um único Mac

Fazer o cenário de uma peça de teatro é uma coisa complicada que envolve uma grande equipe, maquetes, dezenas de objetos de cena, certo? Errado. Basta um Mac. **Muti Randolph,** designer e conselheiro editorial da Macmania, em pouco mais de dois meses produziu todo o cenário da peça "O Falcão e o Imperador", em cartaz no Tuca, em São Paulo. "Acho que é o primeiro caso no Brasil de um cenário digital produzido em um único computador pessoal", diz Muti.

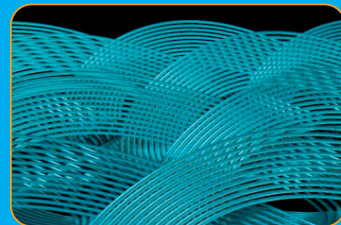
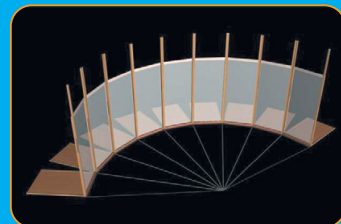
O cenário – totalmente virtual, formado por uma colagem de filmes e animações 2D e 3D – foi desenhado em um Power Mac G4, auxiliado ocasionalmente por um G3 e um iBook como *slave renderers*. As animações e os filmes captados em uma câmera Canon Mini-DV foram editados no After Effects, codificados em MPEG-2 e queimados em um DVD (no DV Studio Pro) que é projetado durante o espetáculo.

Muti diz: "as animações foram desenhadas para ocuparem todo o fundo do cenário, como uma única imagem sem emendas. Cada animação serve para sugerir algum sentimento, clima emocional ou estado psicológico em determinadas cenas no decorrer do espetáculo".

Totalmente gerado em computador

Muti cria suas animações começando com um desenho no Illustrator, que é modelado no Electric Image Modeler e depois animado no Electric Image Universe. A composição dos clipes, ajustes e efeitos são feitos no After Effects, onde tudo é transformado em filme QuickTime, o qual é codificado em MPEG-2 e transformado em DVD.

O mesmo G4 também serviu para criar os desenhos técnicos para a construção do "hardware" do cenário: um biombo de madeira pintada de preto, com 9 segmentos forrados com tecido próprio para receber projeção por trás. Das separações dos segmentos saem linhas brancas no piso que se encontram na boca de cena, formando um leque. "O biombo está disposto em um semicírculo, o que contribui para envolver a cena e permitir uma boa visualização das projeções de todos os pontos da platéia. A intenção foi criar um espaco neutro, atemporal, e digno de servir de arena para um embate mitológico entre um deus e um homem", diz Muti.

Depois de ler o texto da peça, Muti teve várias reuniões com as atrizes (Leticia Spiller e Jac Fagundes) e com a diretora (Daniela Visco), que lhe passaram os climas expressivos que elas queriam dar a diversas cenas e ao espetáculo como um todo. "A partir disso, eu fui criando as imagens e animações. Nos primeiros ensaios nós já fomos medindo os tempos aproximados de cada cena. Sempre deixei um tempo considerável a mais para cada cena, já que no teatro os tempos variam".

A revolução

FINAL CUT PRO 3

Lançado ao apagar das luzes de 2001, o Final Cut Pro 3.0 é um divisor de águas. Além de ser a primeira versão do programa compatível com o Mac OS X e trazer novos recursos importantíssimos, esse upgrade projeta as soluções de edição de vídeo com qualidade broadcast *para uma nova era, na qual não há mais a obrigatoriedade do uso de placas de milhares de dólares para a visualização de composição e efeitos em tempo real. Trata-se da quinta grande revisão em dois anos e meio de existência do programa, e apenas nove meses a separam do último grande upgrade. Os enormes avanços da nova versão 3.0 do FCP confirmam a determinação da Apple em competir para valer no mercado de soluções profissionais para vídeo digital.*

Vídeo profissional ao alcance de todos

A ele junte-se o CinemaTools, o sucessor do FilmLogic lançado na NAB de 2002, e temos um sistema completo para edição não-linear de vídeo digital *standard definition,* cinema e *high definition* 24p (offline; para edição online em *high definition* há a necessidade de instalar hardware adicional). A recente aquisição pela Apple da empresa Nothing Real, criadora dos programas *high-end* de composição e efeitos Shake e Tremor, promete trazer-nos mais ferramentas de vídeo profissional. Especula-se que a tecnologia da Nothing Real irá gerar novos produtos e também ser aproveitada nos produtos Apple já existentes (leia-se FCP). O estande da Apple na NAB 2002 já tinha máquinas G4 rodando uma versão do Shake. A Apple está demonstrando que não quer depender de ninguém para firmar a plataforma Mac nesse nicho. E o preço dessa busca pela auto-suficiência pode ser o de afugentar desenvolvedores de produtos concorrentes. Ou não. Também pode ocorrer o movimento inverso, como fica demonstrado pelo comportamento da Avid, que já anunciou o Avid Xpress DV para meados do ano.
Quanto aos desenvolvedores de hardware de processamento de vídeo em tempo real, nunca houve tanta oferta para a plataforma. Além dos produtos das grandes Pinnacle e Matrox, há uma boa quantidade de opções da Digital Voodoo, da Igniter, e mais recentemente da até então desconhecida Aja.
A Media 100 continua a saga do Media 100i, e deve lançar a qualquer momento uma versão para o Mac OS X do software de seu lendário sistema de edição.

Renascimento da plataforma

Tudo indica que a estratégia da Apple de lançar produtos significativos para vídeo profissional aumenta o prestígio e a base instalada do Mac nesse mercado, o que é um atrativo a mais para os outros fabricantes. Por outro lado, até agora a Adobe não deu nenhum sinal de que haverá uma versão do Premiere para o OS X.
Também correu um boato, no início do ano, dando conta da desativação pela Discreet do centro de desenvolvimento do combustion para Mac na Califórnia, o que significaria o fim da versão do programa para a nossa plataforma. A empresa desmentiu os rumores, afirmando que estava transferindo essas unidades de desenvolvimento para junto de sua sede em Montreal, no Canadá.
Bem, só o tempo vai dizer no que vai dar tudo isso. Mas até os grandes da indústria eletrônica demonstram interesse pelo Macintosh. A Apple e a Panasonic anunciaram na NAB 2002 uma cooperação que resultará no suporte do Mac e dos produtos Apple para os formatos DVCPRO 50 (formato digital 4:2:2) e DVPRO 100 (para HDTV), e para a nova opção de vídeo digital SD 24p gravado em Mini-DV.
A Panasonic anunciou que disponibilizará toda uma nova linha de equipamentos DV com a alternativa Mini-DV 24p, a começar pela câmera AG-DVX100. Pelo interesse que o anúncio da câmera causou entre os profissionais da área, parece que logo veremos outros fabricantes seguindo os passos da Panasonic. A solução pode significar mais uma revolução no mercado e uma nova onda de realização de filmes para cinema a partir de equipamentos DV.

digital

Por JOÃO VELHO • Fotos CLICIO

A intervenção do visual Aqua na interface ainda é tímida, limitando-se aos botões e barras de rolamento

Tempo real no G4

Apesar de o Final Cut Pro rodar em modelos Power Mac G3 com clocks superiores a 300 MHz, depois da versão 3.0 ganhamos um motivo a mais para desejar instalá-lo em um possante G4, o mais rápido que houver; um modelo Dual, de preferência. O upgrade implementou um preview de transições e efeitos em tempo real por software que depende essencialmente da velocidade do processador. Ele requer G4s com velocidades de 500 MHz em diante e 384 MB de memória RAM.

O recurso, que a Apple chama de G4 RT, funciona apenas com material capturado no formato DV ou com o novo formato Offline RT *(leia mais sobre ele adiante).* O G4 RT é considerado um novo tipo de preview em tempo real para o FCP porque, assim como com a placa RT-Mac, não vale para a saída FireWire; as transições e efeitos G4 RT são visualizados exclusivamente pela interface do programa no monitor RGB do computador.

Infelizmente, mesmo os G4 mais rápidos não acumulam poder de processamento suficiente para criar o preview dos efeitos e fazer a codificação do vídeo no formato DV. A única saída é o atalho de teclado Shift F12, que exibe pela porta FireWire o frame sob o qual a cabeça de reprodução do Viewer ou do Canvas estiver estacionada.

Sendo assim, para sair com o projeto para a fita DV, não há como evitar o render prévio de tudo que for criado com a ajuda do G4 RT. Mas o importante é que, a partir de agora, as decisões de edição mais comuns envolvendo efeitos, como a duração de uma transição, podem efetivamente ser tomadas em tempo real.

Numa resolução de preview, os *still frames* de quadros frisados ou de gráficos importados também se beneficiam do G4 RT. A quantidade de *still frames* suportados numa mesma sequência depende somente da quantidade de memória RAM alocada para um cache especial, o RT Still Cache, pelo painel General Preferences. O conteúdo do cache fica amarrado a cada sequência; quando saímos de uma sequência para a outra, o cache se renova e acompanha a mudança, carregando os *stills* daquela que abrimos.

O volume de operações simultâneas permitidas em tempo real é escalável, variando de acordo com a complexidade dos efeitos envolvidos e com a velocidade e o número de processadores do computador. Quando o limite da máquina é atingido, não há outra coisa a fazer senão proceder ao render.

Sabemos o que está sendo processado em tempo real ou não por meio do mesmo sistema das barrinhas em cima das trilhas da *timeline* usado para a placa Matrox RT-Mac. Barras verdes indicam onde ocorrem operações em tempo real; barras amarelas indicam que nesses trechos o recurso em tempo

Até onde vai o tempo real

A batalha tem tudo para ser daquelas de fazer gosto de assistir. Logo depois de o FCP 3.0 ser lançado oficialmente, a Avid anunciou e em seguida lançou a versão 3.0 do Xpress DV para PC. E qual é o seu principal atrativo? Uma arquitetura de efeitos em tempo real baseada em software, justamente uma das principais características do novo upgrade do FCP 3.0.
Os primeiros testes e comparações indicam que os recursos em tempo real no Xpress DV vão bem mais longe do que os do Final Cut Pro. O problema não tem tanto a ver com a quantidade de recursos habilitados, uma vez que cerca de 75% dos mais de 100 efeitos que a Avid alega que o Xpress DV oferece não passam daquela montoeira de wipes *cafonas, verdadeiros atentados ao bom gosto que nenhum editor com um mínimo de sanidade estética se arriscaria a usar, mesmo em edições de vídeos de casamento de filha de bicheiro.*
O ponto que interessa é a quantidade de efeitos em tempo real que são realmente úteis, e que o programa suporta rodar simultaneamente, como por exemplo juntar uma trilha de vídeo com uma fusão, com outras trilhas com um chroma key *ou um* picture-in-picture*, um título animado ou uma correção de cor. E nesse quesito, parece que mesmo nas máquinas mais potentes o FCP não vai tão longe quanto o programa da Avid.*
Mas teremos que esperar um pouco para bater o martelo nessa questão; só poderemos tirar a prova dos nove quando tivermos a versão do Xpress DV para Mac OS X rodando no mesmo hardware que o FCP.
Vamos aguardar e apreciar a contenda entre a Avid e a Apple torcendo para que a acirrada disputa acabe por nos favorecer.

Trabalhando em tempo real

Ferramentas beneficiadas pelo G4 RT até o momento:

Transições e filtros
- *Cross Dissolve*
- *Todas as transições tipo Iris: Cross Iris, Diamond Iris, Oval Iris, Point Iris, Rectangle Iris, Star Iris*
- *Cinco transições tipo Wipe: Center Wipe, Clock Wipe, Edge Wipe, Inset Wipe, V Wipe*
- *Filtro Color Corrector 3-Way*

Efeitos de movimento
- *Opacity*
- *Scale*
- *Center*
- *Offset*
- *Crop*
- *Aspect*

real exibe um resultado aproximado *(proxy)* da operação realizada; barras vermelhas indicam a necessidade do render.
A propósito, para os que já a possuem, a placa da Matrox continua tendo alguma serventia. Seus maiores diferenciais residem no fato de ela possuir interface de entrada e saída para vídeo analógico, inclusive permitindo exibir seus recursos em tempo real no monitor NTSC, e oferecer saída para um segundo monitor RGB. Mas não pense que dá para contar com os recursos do G4 RT e da RT-Mac. Nos computadores onde ela está instalada, tão logo o FCP 3 enxerga a placa, os recursos em tempo real são chaveados para os da RT-Mac.

Offline RT

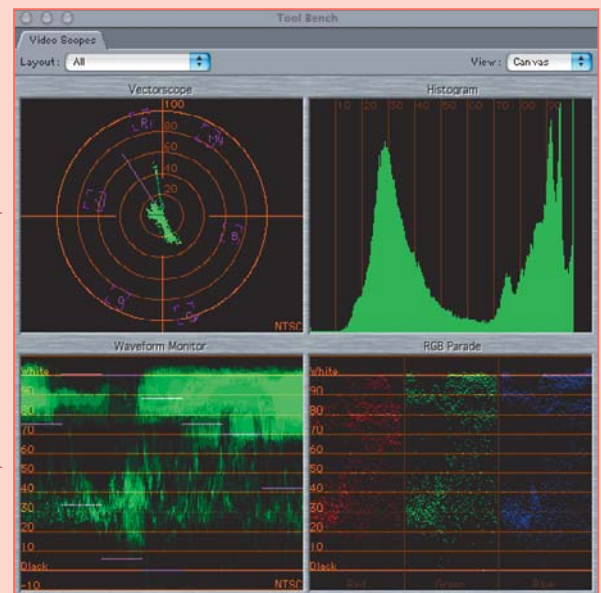
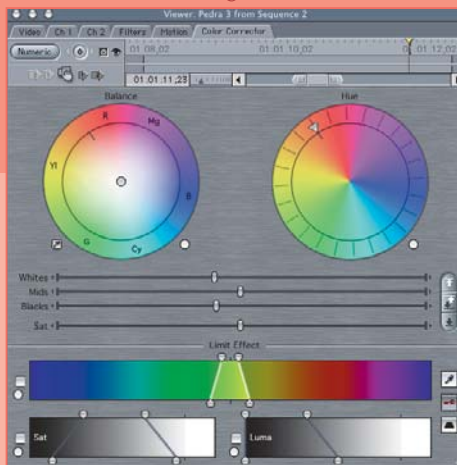
O Final Cut Pro 3.0 trouxe a edição offline para o formato DV. Agora temos a opção de capturar vídeo DV pela porta FireWire num novo formato, que a Apple chama de Offline RT. Ele utiliza um codec PhotoJPEG otimizado para o Velocity Engine do G4, que produz imagens de 320x240 pixels com taxa de compressão ajustável. Graças ao esforço de desenvolvimento investido no codec, o computador faz a codificação do material DV para o novo padrão de compressão em tempo real durante a captura.
O formato registra a informação de *timecode* da fita DV, o que garante a recaptura e a reconstrução automática do projeto em alta resolução numa fase online posterior, utilizando apenas os recursos de gerenciamento de mídia normais do FCP, inclusive os contidos na janela Media Manager do FCP. Novos Easy Setups foram adicionados exclusivamente para o Offline RT. Talvez o maior problema no uso do recurso esteja na impossibilidade total de avaliar o andamento da edição em Offline RT em um monitor NTSC; só podemos contar com a resposta das janelas Viewer e Canvas do monitor RGB. Praticamente nada precisa ser corrigido na transposição do Offline RT para o online DV. Nos projetos Offline RT, os gráficos criados no tamanho padrão para DV (720x543) são automaticamente escalados para o tamanho 320x240, e depois, na fase online, redimensionados para o tamanho certo sem que precisemos mexer em nada. Um procedimento correspondente também corrige o tamanho dos gráficos, caracteres e outros tipos de *generators* do Final Cut Pro criados para um projeto iniciado na resolução Offline RT.
São duas as principais vantagens de se adotar a estratégia do Offline RT. A primeira tem a ver com a óbvia economia de espaço no disco rígido. A compressão máxima do codec permite chegar à razão de 1 hora de vídeo para 500 megabytes de disco, enquanto que com o codec do stream de vídeo DV precisamos de 13 gigabytes para o mesmo tempo de material.

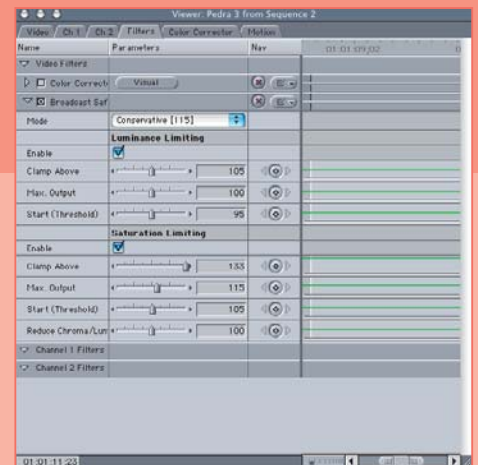
Alguns poderiam argumentar que esse aspecto não representa grandes ganhos se considerarmos a alta capacidade de armazenamento e o baixo preço dos discos atuais, aliada à relativamente pequena largura de banda do formato DV. Mas em certas situações, como na fase inicial da edi-

Video Scopes

Geralmente usa-se a correção de cor para ajustar imagens com problemas oriundos da captação, para equalizar planos de uma mesma cena, para criar algum efeito de estilo ou buscar tonalidades mais adequadas para uma cena do ponto de vista artístico. Agora tudo isso pode ser feito no FCP com mais precisão e melhor resultado. A versão 3.0 traz novas ferramentas de monitoração do sinal de vídeo e filtros para ajustes da imagem.
O painel Video Scopes fica acomodado na nova janela Tool Bench. Ele exibe quatro ferramentas de monitoração e medição do sinal de vídeo dos clipes carregados no Viewer ou no Canvas.

Vectorscope
Monitora o sinal de crominância, mostrando a distribuição de cor contra uma escala circular em que seus ângulos representam os vários matizes e a distância do centro indica os níveis de saturação. O centro representa saturação zero e existem pontos definindo os alvos das cores básicas das color bars *SMPTE.*

Histogram
Monitora o sinal de luminância mostrando a distribuição percentual relativa de níveis de cinza da imagem, do preto ao branco, inclusive do branco acima dos limites aceitos para broadcast (transmissão de um sinal de vídeo).

Correção de COR

Color Corrector

Color Corrector 3-Way

Broadcast Safe

Os quatro Video Scopes servem principalmente para analisar as imagens e orientar o editor na aplicação dos novos filtros de correção de cor, que são cinco:
•Color Corrector *– Corrige o balanço de cor dos brancos e possui ajustes separados para os níveis de preto, dos tons médios e de branco, além de controlar o matiz e o nível de saturação da imagem. O recurso Limit Effect permite delimitar um range de cor, saturação e brilho, para isolar e fazer o efeito atuar em áreas da imagem com uma tonalidade específica. Conta com duas interfaces, uma visual e outra numérica.*
•Color Corrector 3-Way *– Além de corrigir o balanço de cor dos brancos, como no filtro anterior, acrescenta o mesmo recurso para os tons médios e o preto. Também possui ajustes separados dos níveis de preto, dos tons médios e de branco e controla o nível de saturação da imagem. Ainda conta com o recurso Limit Effect e os mesmos tipos de interface encontrados no filtro anterior.*
•Broadcast Safe *– Ajusta áreas da imagem com níveis de crominância e luminância fora dos limites aceitos para broadcast. É usado em conjunto com o recurso Range Check, que identifica visualmente as áreas afetadas.*
•Desaturate Highlights e Desaturate Lows *- Controlam a saturação das altas luzes e das baixas luzes. Na verdade, é o mesmo filtro com ajustes default diferentes.*

Numa primeira olhada, os dois primeiros filtros de correção de cor podem parecer um pouco complicados pela grande quantidade de opções de ajustes, mas ambos têm procedimentos automatizados como ponto de partida para ajustes manuais mais sutis. Eles também vêm acompanhados de maneiras práticas de estender a aplicação dos mesmos ajustes de filtragem em clipes diferentes de uma mesma sequência, seja pelo comando Copy Filters do menu Modify ou pelos botões que ficam na parte de cima dos seus painéis visuais.
O manual do Final Cut Pro 3.0 dá uma aula de correção de cor, analisando os fundamentos do assunto e mostrando a melhor maneira de fazer os ajustes com os novos filtros nas situa-

Waveform
Monitora o sinal de vídeo por um osciloscópio especializado, mostrando os níveis relativos de brilho e saturação. Existem níveis predeterminados para ajustar com um sinal de color bars *SMPTE. Pode monitorar só a luminância ou mostrar lumanância e crominância juntos.*

Parade Scope
Um waveform *modificado que, em vez de mostrar os níveis gerais de brilho e saturação, monitora os componentes de vermelho, verde e azul em três* waveforms *colocados lado a lado. As informações desses monitores não são atualizadas em tempo real durante a reprodução de um clipe; precisamos parar em um frame representativo, arrastar o cursor de tempo ou usar o atalho de teclado Option P para obter uma atualização contínua frame a frame.*

ção de documentários longos com muito material original, ou para projetos grandes realizados num computador portátil usando apenas o disco interno, essa economia vem mesmo a calhar.
A outra vantagem, de fato inquestionável, está na quantidade de operações simultâneas com preview em tempo real usando o G4 RT, muito maior em projetos Offline RT. Através do novo codec, o editor ganha uma solução eficaz para economizar tempo e garantir mais agilidade na criação de sequências de edição com uma quantidade grande de efeitos complexos simultâneos.

QuickView e RAM preview

A janela Tool Bench abriga mais um novo painel, com o recurso QuickView. Ele proporciona um modo alternativo de visualizar trechos de uma edição que dependem de

Imagem original, com forte desvio da cor para o esverdeado

Correção de balanço de branco...

...e correção de balanço de preto

ções de trabalho mais comuns. Uma correção de cor simples começa com os ajustes de níveis de preto, médios e branco, visando melhorar o contraste da imagem, e sempre monitorados pelos Videoscopes. Em seguida, procede-se aos ajustes de balanço de cor. Para tanto, basta selecionar uma região da imagem com uma superfície supostamente branca, usando a ferramenta conta-gotas do ajuste de balanço de branco. No caso do Color Corrector 3-Way, ainda podemos recorrer a outros ajustes de balanço de cor usando uma referência de cor preta da imagem e de cinza médio.
O resultado é perfeito. Problemas de balanceamento de branco nas filmagens são totalmente corrigidos.

Qual é a cor do gato branco da imagem? O Final Cut Pro sabe e mostra ela para você

Narre direto no FCP

Se até o iMovie tinha um recurso similar, não ia ser no FCP que a Apple ficaria devendo. Um dos destaques da versão 3.0 é o recurso Voice Over, que permite gravação de narração off *enquanto visualizamos o material editado. Muito útil em documentários, o Voice Over ganhou um painel próprio na janela Tool Bench.*

A gravação pode ser feita usando qualquer input *de áudio que o FCP reconheça como um dispositivo de captura de áudio compatível com o QuickTime e o Sound Manager: a entrada de áudio do próprio Mac, alguma placa de captura (a RT-Mac, por exemplo), a porta USB com um microfone USB ou com adaptadores de microfone normais, ou mesmo o microfone de uma câmera DV conectada ao Mac e outros tipos de* input *via FireWire. Podemos determinar os frames de compensação de um possível atraso inerente ao dispositivo de gravação e ajustar o ganho e a taxa de amostragem da gravação.*

O áudio do Voice Over é gravado em mono, diretamente na memória RAM, e depois salvo em disco. Quanto maior a memória disponível, maior o trecho que pode ser gravado. Trinta minutos de áudio a 16 bits e 48 kHz consomem cerca de 180 MB.

A forma de trabalhar do Voice Over prevê o uso de um fone de ouvido para quem está fazendo a narração. Por meio dele é possível monitorar o áudio de fundo e escutar "bips" de alerta que antecipam o início e o fim do trecho que está sendo gravado.

O novo recurso é muito simples de usar. Primeiro, marcamos pontos de entrada e saída na Timeline para definir o trecho ao qual será adicionada a narração, e a seguir determinamos a trilha que deverá receber a narração. Em seguida, temos a opção de acionar o botão de Preview para ensaiar a gravação, repetindo o trecho escolhido quantas vezes quisermos.

Quando decidimos gravar, clicamos no botão de gravação e a área de status *na parte superior do painel mostra uma contagem regressiva de cinco segundos, enquanto vai mudando de tonalidade. Durante a gravação, essa mesma área muda de cor para vermelho e passa a registrar o percentual do tempo gasto na gravação relativamente ao tempo total do trecho conforme previamente definido. Faltando quinze segundos para o final do trecho, começa uma nova contagem regressiva.*

O Voice Over grava cinco segundos antes e dois segundos depois do trecho estipulado na Timeline, dando uma margem de segurança para o editor na hora de fazer o corte final do que é gravado.

Enquanto não é feita uma outra gravação ou enquanto o trecho gravado não sofre algum tipo de manipulação, existe a possibilidade de descartar o take *gravado, apagando o arquivo do disco com o acionamento do botão Discard.*

A adição do Voice Over ao FCP serve para rascunhos de narração off, abre caminho para a integração de pequenas cabines de locução ao ambiente de edição e também favorece a produção completa de matérias jornalísticas em campo. Ainda no local da gravação, o repórter pode editar a matéria num PowerBook e na mesma hora colocar a locução com o microfone da própria câmera, assistindo à edição.

Painel de gravação é completo e fácil de usar

QuickView

Timecode Overlay

render. O recurso, apesar de ser novidade no Final Cut Pro, é um velho conhecido dos usuários de programas como o After Effects, combustion e Commotion: é o preview através da memória RAM.

O painel QuickView conta com um monitor próprio, com botão de reprodução, cursor de tempo e barra de arrasto, e um controle que permite definir um *range* (período) de 2 a 10 segundos em torno do ponto onde se encontra o cursor no Canvas ou no Viewer. O *range* determina o trecho de material que deve ser renderado e armazenado na memória RAM para o preview.

O trecho de material para ser exibido pelo QuickView também pode ser determinado pelos pontos de entrada e saída, ou a partir de um ponto de entrada marcado no Canvas ou no Viewer; eles até têm preferência sobre o controle de *range* do painel.

A imagem exibida pelo QuickView mostra todos os frames do trecho renderado. Se a memória RAM for suficiente para todo o trecho, o ▶

Novas da NAB

Graças à Internet, já não é mais preciso ir fisicamente à NAB, a maior feira anual de equipamentos de vídeo profissional do mundo, para ficar inteirado dos últimos lançamentos na área de vídeo profissional. O público que efetivamente foi à feira diminuiu um pouco em relação ao ano passado. Os mais experientes em NAB disseram que esse comportamento já era esperado, tendo em vista os eventos de 11 de setembro e a recessão norte-americana.
O estande da Discreet foi o que mais chamou a atenção. Também houve a estréia de uma extensão do LCCC (Las Vegas Convention Center) com um novo pavilhão, o South Hall. A organização do evento informou que este foi o último ano com exibidores no hotel Sands. E quem está ancorando o South Hall? A Apple, claro, com um amplo teatro rodando apresentações do Final Cut Pro 3, DVD Studio Pro 1.5, Cinema Tools e mais.
Relatos de profissionais experientes que estiveram na feira contam que os motes este ano foram "convergência" e "interoperabilidade entre tudo e todos". No presente momento final da transição para o digital e do início da HDTV, nada mais lógico. Seguem-se os produtos de Desktop Video anunciados mais importantes para a plataforma Mac e o formato DV. Alguns devem demorar a aparecerer nas lojas, enquanto os modelos descontinuados poderão ser encontrados até terminarem os estoques.

Apple

No estande da Apple, a atenção se voltou mais para o lançamento do ***CinemaTools for Final Cut Pro****, sucessor do FilmLogic, que forma com o software de edição um sistema completo para edição não-linear de vídeo digital* standard definition, *cinema e* high definition 24p. *Também havia G4s rodando uma versão para OS X do* ***Shake****, software de composição e efeitos* high-end *criado pela Nothing Real, empresa adquirida pela Apple.*
A Apple e a Panasonic anuciaram uma cooperação que resultará no suporte da plataforma Mac e dos produtos Apple (leia-se FCP) para os formatos DVCPRO 50 (formato digital 4:2:2) e DVPRO 100 (para HDTV), e para uma linha de equipamentos de vídeo digital SD 24p gravado em Mini-DV.

Adobe

Foi anunciado apenas um pacote de plug-ins para o After Effects, o ***Plug-In Power Pack for Adobe After Effects 5.5*** *(US$ 25), com 16 novos efeitos. Ele roda no Mac OS X e inclui muitos filtros oriundos do pacote originalmente criado para o Cult Effects pela Cycore, há muito adquirida pela Adobe. Também traz um plug-in para exportar áudio e vídeo no formato de streaming Windows Media. A compra do Power Pack pode ser feita pelo site da Adobe.*

Panasonic

O destaque da Panasonic de maior interesse para os profissionais de Desktop Video foi o anúncio da câmera ***AG-DVX100*** *(US$ 3.495), a primeira camcorder Mini-DV capaz de capturar imagens em 24 quadros progressivos. O modelo é bem compacto, com lente fixa, possui três CCDs de 1/3" com 410 mil pixels, interface FireWire, entradas de áudio balanceado XLR com alimentação Phantom, controles manuais de zoom, foco e diafragma, e também grava no padrão de vídeo NTSC de 60 campos por segundo entrelaçados. Inexplicavelmente, parece que a câmera não oferece suporte para gravação em 16:9 – um contra-senso, se considerarmos que o equipamento se direciona para produções de cinema digital. Só estará disponível para entrega em setembro de 2002.*

Também foi anunciado um novo DVCR mini-DV, o ***AG-DV1DC*** *(preço não disponível), um gravador portátil ultraleve e compacto. Funciona na bateria ou na tomada, conta com interface FireWire, monitor colorido LCD de 3,5",* in/out *de áudio e vídeo analógico (video composto e S-video), controle remoto e entrada de microfone.*

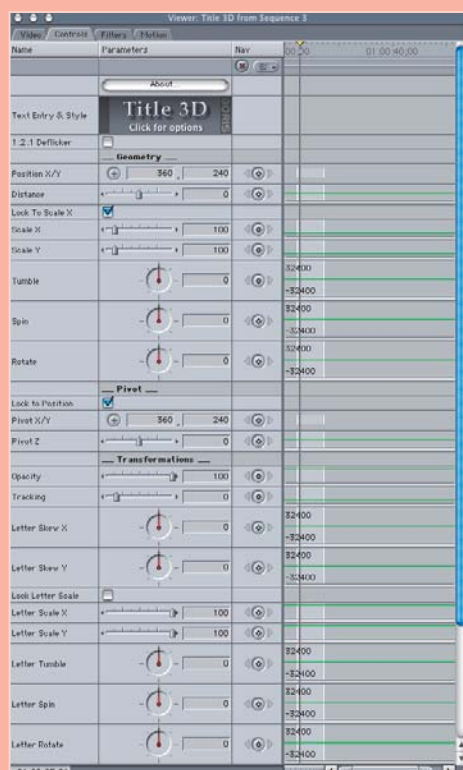
Sony

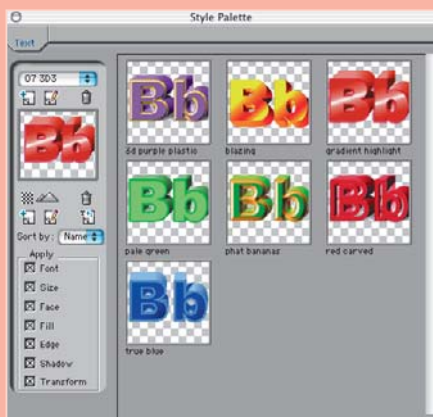
Para a linha DVCAM, a Sony lançou a câmera ***DSR-PDX10*** *(US$ 2.900), que combina design compacto e recursos sofisticados como a possibilidade de fazer transferências via Web de* stills *e streaming de vídeo através de uma porta USB integrada.*
A câmera tem três CCDs HAD de 1/4' com 530 linhas de resolução horizontal, interface FireWire, in/out *de vídeo analógico composto e S-Video, grava em DV e DVCAM e ainda edita e armazena até 85 minutos de vídeo MPEG em mídias Memory Stick de 128 MB.*

Num lançamento mais arrojado, o gravador DVCAM baseado em disco rígido ***DSR-DU1*** *(US$ 2.100) aponta novos caminhos para a Sony. Ele foi projetado para uso em campo, funcionando acoplado à parte traseira das câmeras DVCAM, através de um adaptador ou separadamente conectado à câmera pela interface i.LINK (FireWire).*
O dispositivo grava até três horas de material de vídeo. A Apple se comprometeu a dar suporte para o equipamento numa futura versão do Final Cut Pro. Outras empresas, como a Adobe e Avid, tambem anunciaram o suporte para o DSR-DU1.

A Sony anunciou que recentemente que seus equipamentos terão endereços IP, permitindo que a operação, o acesso ao conteúdo e até mesmo manutenção, sejam feitos via rede.
O primeiro produto DVCAM com o Simple Network Management Protocol (SNMP) é um outro gravador baseado em disco rígido, o ***DSR-DR1000*** *(US$ 5.000), um modelo para estúdio. Com tamanho de meio-rack e 80 GB de espaço em disco, possui quatro canais de áudio digital, oferece velocidade de reprodução variável, gravação e reprodução simultânea e gravação mais rápida ou mais lenta*

Bom de caligrafia

*Não chega a ser um Boris Graffiti completo, mas o **Boris Calligraphy**, com seus dois novos generators, Title 3D e Title Crawl, permite criar uma camada de texto estático ou animado, com muitas possibilidades de estilos e de manipulação. O generator Title 3D produz caracteres baseados em vetor que podem ser manipulados e animados no espaço 3D, e ainda oferece cinco efeitos de sombra e cinco efeitos de borda por título, textura de cor ou degradê, controles de margens,* tracking, kerning *e* leading, skew *e escala nos eixos X e Y, posição de pivôs... Quase tudo animável por* keyframe. *Existe uma biblioteca de estilos para o Title 3D que pode ser baixada da Web, com fontes estilo 3D e muitas outras opções de* presets *(designs prontos para usar) de bordas,* bevels *e efeitos.*

A visualização numérica da interface do Calligraphy serve para animar parâmetros pela marcação de keyframes

Para fazer o texto passar na tela verticalmente ou horizontalmente, o Title Crawl conta com todos os efeitos e quase todas as transformações geométricas do Title 3D, ajustes de máscara com feather *(suavização) nas partes de baixo e de cima da tela e um sistema de* deflicker *(eliminação de cintilação). Enfim, não há mais o que reclamar da geração de créditos no FCP. Quem quiser ir mais fundo sempre terá no Graffiti uma opção – por um custo adicional.*

A biblioteca de estilos prontos do Calligraphy oferece dezenas de opções de fontes em 3D

A marca da interface do Boris Graffiti e de outros produtos da empresa foi mantida no Boris Calligraphy

preview faz a exibição na frequência de quadro correta; caso contrário, o material é reproduzido numa frequência de quadro adaptada, gerando uma espécie de *slow motion*. Há também um ajuste para três opções de resolução de imagem.
O FCP para OS X leva vantagem na utilização do Voice Over e do QuickView, porque no novo sistema os programas não precisam mais alocar memória RAM previamente; isso é feito de forma dinâmica, na medida da necessidade de cada software que estiver em uso. O aproveitamento mais inteligente da RAM ajuda a otimizar o uso desse tipo de recurso.

Novos filtros

O Final Cut Pro 3.0 vem com um pacote de 35 filtros e transições criados na linguagem FXScript, da empresa CGM. Os efeitos são de alta qualidade, suportam render YUV com precisão de subpixel, Velocity Engine e multiprocessamento. É o primeiro volume de uma coleção de efeitos da CGM que era vendido a US$ 175 e agora vem de graça. Alguns efeitos incluídos são similares a outros pré-existentes no FCP, mas são bem superiores em termos de qualidade.

Função Autosave Vault

Muitos programas têm uma função Autosave. Os sistemas de edição de vídeo costumam oferecer a possibilidade de salvar um certo número de cópias de um projeto, como forma de guardar backups de várias fases de um trabalho. O FCP incorporou o recurso, com o nome de Autosave Vault (painel General da janela Preferences). Você escolhe o intervalo de tempo entre uma cópia e outra, o máximo de cópias e o máximo de projetos. Numa hora de dúvida ou de um "crash" violento, temos esses arquivos à disposição para retomar o projeto, usando o novo comando Restore Projects.

Editores externos

Também pela janela Preferences temos acesso

▶ *que o tempo real. Conta com várias opções de interfaces para transferência de dados, sinais de controle, vídeo e*

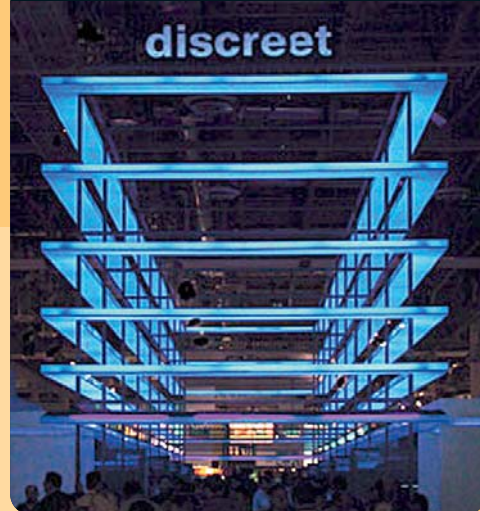
áudio, incluindo i.LINK, SDI e Ethernet.
Os DVCRs DSR-20 e DSR-40 foram substituídos por modelos novos, ambos com um monitor LCD de 2" integrado no painel frontal que pode exibir imagens de vídeo, monitar o nível de áudio e outras informações. O ***DSR-45*** *(US$ 5.500) vem com interfaces i.LINK, RS-422A e RS-232C,* in/out *de vídeo analógico componente, sáida de áudio balanceado com conectores XLR, suporte para quatro canais de áudio e sistema de gravação de áudio digital estéreo. O modelo aceita cassetes DV e DVCAM nos tamanhos Mini e Standard.*
Projetado especialmente para alimentar ilhas não-lineares DV, o modelo ***DSR-25*** *(US$ 4.100) é o segundo produto DVCAM compatível com NTSC e PAL. Ele possui interfaces i.LINK, Control S e LANC, grava em DV e DVCAM e também aceita os tamanhos de fita Mini e Standard.*
Para o formato DV, a Sony reservou o lançamento da câmera ***DCR-TRV950****, que substituirá a bem suscedida DCR-TRV900. A nova camcorder, que tem tudo para repetir o sucesso do modelo anterior, é a primeira a ter 3 CCDs com um milhão de pixels cada (megapixel), e vem com controles manuais de foco, zomm e áudio, possui padrão zebra,* color bars *e outros recursos igualmente valiosos.*

Através de porta USB integrada, a DCR-TRV950 pode ser usada para streaming e videoconferência. A exemplo de outros novos equipamentos Sony, ela também suporta a tecnologia Bluetooth para acesso sem fio à Internet, podendo enviar e receber mensagens de email com vídeo MPEG-1 e fotos JPEG, além de poder ser usada para navegar na Web através do seu monitor LCD de 3,5". Páginas da Web podem até ser armazenadas nos cartões Memory Stick.

Plug-ins

Novos plug-ins para o After Effects estão surgindo a todo momento, principalmente versões atualizadas para o OS X. Mas o anúncio de um plug-in em especial causou impacto na NAB 2002. É o ***Magic Bullet Suite****, da The Orphanage. O plug-in compatível com o After Effects foi criado a partir de uma tecnologia proprietária desenvolvida pela The Orphanage, uma empresa formada por profissionais egressos da Industrial Light & Magic, de George Lucas.*
A tecnologia do Magic Bullet permite fazer as imagens de vídeo assumirem um visual mais parecido com a imagem de película cinematográfica e elimina artefatos do formato de vídeo DV, facilitando e melhorando o trabalho de transferência de vídeo para filme 35mm. O processo, originalmente disponível na forma de serviços prestados pela The Orphanage, se tornou popular entre os realizadores independentes americanos nos últimos tempos.
Foi anunciado para breve o pacote de plug-ins ***Useful Things****, da Profound Effects, que permite criar infinitos efeitos baseados em scripts. São fornecidos mais de 60 efeitos pré-programados para o After Effects que simulam pontos de vista de câmera, medidores, efeitos dinâmicos de texto, partículas e muitos outros. A The Foundry também mostrou o a nova coleção de plug-ins* ***Tinderbox 3****, que inclui efeitos de simulação de filme antigo, imagem de TV mal sintonizada e raios, entre outros.*
Mais um anúncio de upgrade de plug-in veio da ***Ultimatte****, que apresentou a nova tecnologia que será incorporada nos seus produtos para programas de edição e composição da Avid, Adobe e Discreet. A nova fórmula usa recursos de inteligência artificial e torna o processo de geração de* chroma keys *mais eficiente e mais fácil de operar.*

Placas

Sucesso entre os profissionais que desejam pavimentar seu caminho em direção à HDTV, a CinéWave ganhou mais uma versão, a ***CinéWave Classic****, um pacote mais em conta, que por US$ 5.499 oferece a placa Targa Cine e um* breakout box *à escolha do comprador, com as opções Professional Analog e Digital. Em compensação não são fornecidos os softwares que compõem os pacotes mais caros da CinéWave. A CinéWave também ganhou uma nova peça de software, o CineAcquire, que funciona como controlador de dispositivo para a captura de vídeo diretamente de probramas de composição como o After Effects e o Commotion. O CineAcquire vem com o cabo RS-422 da Pipeline Digital.*
A ***Digital Voodoo*** *lançou novos produtos compatíveis com o OS X, entre eles duas novas placas para edição e captura de vídeo digital 10-bit sem compressão HD e SD com áudio digital AES/EBU. A placa* ***Compound*** *(US$*

4.495) oferece in/out de vídeo SD SDI, 6 canais de audio digital AES/EBU, genlock *e* in/out *de vídeo composto, componente, e S-Video em NTSC ou PAL, e efeitos em tempo real. O outro produto, a placa* ***HD Fury*** *(US$ 11.995) vem com* in/out *de vídeo HD SDI, oito canais de áudio AES/EBU e conversão simultanea para SD SDI.*

Discos

A empresa Medéa criou uma nova linha de disk array *de custo mais acessível, a* ***VideoRaid RTS****. São* arrays *de cinco drives em forma de torre desktop, com opções de 160 GB (US$ 2.799), 320 GB (US$ 3.299) e 640 GB (US$ 4.999). A interface é a Ultra160 SCSI, podendo alcançar a taxa de trasferência sustentada de 100MB/s. E ainda oferecem conjunto de recursos para redundância similares às linhas RTR e RTRX.*

Drives e placas controladoras com interface Ultra320 SCSI começam a aparecer no mercado. A primeira placa vem da Atto, a ***ExpressPCI Ultra320 SCSI****, com taxas de transferência de até 320 MB/s por canal. O modelo de dois canais, portanto, pode atingir uma velocidade combinada de impressionantes 640MB/s. Os recursos SCSI da placa são os mais avançados no momento.*
A placa da Atto pode ser usada com a nova linha de disk arrays *da nStor, a* ***NexStor 4000S Ultra320 SCSI****, séries com 12 drives de 73 GB, atingindo a capacidade máxima atual de 876 GB, mas que poderá chegar a 1,7TB com a nova geração de drives que está chegando. Existem configurações com interfaces de um ou dois canais Ultra320 e/ou Ultra160, com opções de rack ou torre.*

Com o *Shuttle Pro* tem jogo

Convenhamos: o mouse não é o dispositivo de controle ideal para todas as atividades. Para os videogames, por exemplo, existem os joysticks. Para as artes gráficas, existem os tablets. Para os sistemas de edição não-linear, apenas sistemas caros, como o Video-Cube e o LightWorks, ofereciam dispositivos mais apropriados e exclusivos. Agora os usuários do Final Cut Pro e de outros programas de edição podem contar com o Shuttle Pro, da Contour Designs.

O pequeno acessório otimiza o processo de edição, tornando-o mais dinâmico e diminuindo a fadiga causada pela operação com o mouse e o teclado do computador.

Na palma da mão

O Shuttle Pro é um dispositivo USB projetado para ser usado sobre a bancada de trabalho, ao lado do mouse e do teclado. O design ergonômico garante conforto para o apoio da mão e para sua operação. Distribuídos por sua superfície prateada, temos um controle *jog/shuttle* e 13 teclas. Borrachinhas fixadas na parte de baixo impedem que o Shuttle Pro escorregue. As teclas de cima têm capinhas de plástico transparente, possibilitando a colocação de etiquetas embaixo delas para a identificação das funções. Desde abril de 2002, a Contour Designs passou a incluir no pacote etiquetas pré-impressas para as teclas.

Para começar a usar, basta plugar o acessório na porta USB e instalar o painel de controle, com ajustes previamente configurados para diversos programas, como Final Cut Pro, Media 100i e Premiere. Há *presets* para programas que nada têm a ver com vídeo, nos quais o *jog/shuttle* serve para rolar as janelas.

Para o OS X, por enquanto, há *presets* apenas para FCP, iMovie, QuickTime Player e Internet Explorer.

Quando abrimos um programa habilitado para o Shuttle Pro, os *presets* específicos são acionados automaticamente. A maior parte dos programas possui mais de um conjunto de ajustes; geralmente um para a captura e outros para a edição propriamente dita. Por isso, um dos botões do acessório fica reservado para acionar a troca dos ajustes.

Se necessário, é possível editar os *presets* existentes ou criar outros, programando a função de cada botão e dos movimentos do *jog/shuttle* com qualquer atalho de teclado, modos (*once only, hold down* etc.) e frequências de acionamento dos atalhos de até 60 vezes por segundo. No painel de controle existe um campo de comentário para uma identificação mais clara das funções atribuídas às teclas.

Um velho conhecido dos editores de vídeo, o *jog/shuttle* é padrão em praticamente todos os controladores de edição de vídeo convencionais, inclusive até em alguns VCRs. Nesses equipamentos, ele serve para controlar o movimento da fita de vídeo para frente e para trás. A roda de dentro, o *jog*, permite visualizar o material quadro a quadro de maneira suave e precisa, enquanto o anel de fora, o *shuttle*, movimenta a fita com velocidades variáveis, desde o *slow motion* até o movimento mais rápido.

Com o Shuttle Pro ganhamos os mesmos recursos. Controlar o VCR pelo *jog/shuttle* do dipositivo durante o *logging*, a captura e a masterização agiliza bastante as operações de movimentação do *tape* e a localização dos pontos que interessam. O restante das operações, como a marcação dos pontos de entrada e saída, por exemplo, fica a cargo das teclas, literalmente na ponta dos dedos. No decorrer da edição, o *jog/shuttle* também nos ajuda a percorrer o material contido nos clipes e na *timeline*.

O Shuttle Pro tem um design bem bacana, é realmente confortável e ajuda muito no trabalho de edição, principalmente no *logging*. Como todo resenhador, por mais que goste de um produto, também preciso dar uma de advogado do diabo, comentando alguns pontos onde ele deixou a desejar. O cabo é meio curto, e ele poderia ser um pouco mais pesado para dificultar deslocamentos indesejados sobre a bancada. O exemplar que analisei não vinha com manual impresso nem com CD de instalação, fui obrigado a baixar do site (mas parece que a Contour modificou essa política recentemente).

Algum tipo de automação, com um programinha de macros ou scripts embutido,

Tampa destacável serve para colocar etiquetas nas teclas

Contour Design: www.contourdesign.com
Preço sugerido (usuário final): R$ 598
Distribuidor no Brasil: Discover AV 21-2286-9835/2286-9838
Revendas: Proart 11-3889-0215
Xpress 21-2512-5117
Planeta Virtual 21-2521-9775
Tekstation (Nordeste) 21-2548-5988
Tecfix 31-3281-5520
Light Solutions (Centro-Oeste) 61-364-6153

Driver do aparelho disponível para o Mac OS X

seria interessante para nos liberar da limitação de criar apenas funções atalhos de teclado já existentes nos programas.
No mais, só me resta recomendar a todos os envolvidos seriamente com edição não-linear que comprem o Shuttle Pro. Não custa caro, é fácil de usar e configurar ao gosto de cada um, faz o trabalho render mais e ainda pode economizar um bom dinheiro com possíveis sessões de acupuntura para sarar lesões por esforço repetido.

à escolha dos programas que podemos usar como editores externos para os três tipos de mídia usados no Final Cut Pro: vídeo, áudio e imagens estáticas. Ou seja, podemos selecionar uma imagem de Photoshop e acionar o comando Open In The Editor para que a mídia seja aberta no seu programa original. Podemos fazer alterações na mídia livremente, porque qualquer edição é automaticamente atualizada na volta para o FCP.

Timecode Overlays

O novo comando Timecode Overlays do menu View permite sobrepor todos os *timecodes* relacionados com um clipe no Viewer ou no Canvas. Na parte de cima do monitor, se estiverem marcados, são mostrados os timecodes dos pontos de entrada e saída dos clipes ou da sequência de edição. Na região central, vemos simultaneamente os timecodes originais de todas as trilhas dos clipes que estiverem fazendo intersecção com o cursor de tempo. Os timecodes de trilhas sincronizadas são mostrados com a mesma cor. O recurso rende mais na Timeline em situações de sincronização, de busca de um ponto de timecode e de *trimmings* sutis.

DVD Studio Pro

São as vantagens de ter na Apple o criador dos três softwares: QuickTime, Final Cut Pro 3.0 e DVD Studio Pro 1.5. Os marcadores de sequência do Final Cut Pro agora podem adicionar marcadores de capítulos que são reconhecidos na nova versão do programa de autoria de DVD profissional. O recurso é usado originalmente em vídeo interativo para Web via QuickTime. Também é possível adicionar marcadores de compressão para forçar frames inteiros (*keyframes*) numa compressão para MPEG-2, por exemplo, que vem com o DVD Studio Pro 1.5. Os marcadores aparecem como texto e podem ser até editados.

O melhor do melhor

Embora o suporte para OS X, o Offline RT, o Voice Over, o QuickView e os filtros Boris Calligraphy representem melhorias fundamentais para o FCP, não há como deixar de reconhecer que, depois do G4 RT, a maior inovação do pacote são os novos filtros de correção de cor e os Videoscopes. Juntos, eles proporcionam um nível de precisão e eficiência em correção de cor nunca visto em soluções nessa faixa de preço. Nem

mesmo o Xpress DV possui algo parecido. A coexistência produtiva de poderosos ajustes automatizados e de controles manuais deixa qualquer um à vontade para operar os filtros, desde um principiante até um especialista nesse tipo de trabalho.
Num só filtro temos muitos recursos e são inúmeras as possibilidades técnicas e criativas oferecidas ao mesmo tempo. Podemos executar tarefas complexas que vão desde igualar o balanço de cor de vários *takes* de uma mesma cena com problemas de captação até mudar a cor de um objeto específico. E o que é melhor: o filtro Color Corrector 3-Way faz parte da lista de efeitos em tempo real do recurso G4 RT.
Para completar, os filtros Broadcast Safe e Desaturate Highlights/Lowlights *(ver box)*, juntamente com o recurso de Range Check, acabam de uma vez por todas com a possibilidade de ter que empurrar para os clientes imagens fora das características de luminância e crominância consideradas adequadas para uma transmissão de sinal de vídeo absolutamente perfeita.
A Apple e a equipe de desenvolvimento do FCP realmente fizeram um grande trabalho nessas áreas.

Mancada!

A Apple resolveu fazer uma proteção de cópia do CD instalador do FCP 3.0 para se defender da pirataria. Até entendo a posição da empresa. Nas primeiras versões, deixou-o sem nenhuma proteção, sabendo que a pirataria correria solta, de modo a ajudar na popularização do software. Agora que ele virou objeto do desejo de todo mundo, cria esse detestável recurso, totalmente fora de moda e na contramão da História. Até a Adobe já acabou com o *dongle* da versão Pro-Bundle do After Effects. Quando os fabricantes de software vão entender que

Range Check evita gerar vídeos com cores fora do padrão broadcast

proteções desse tipo expõem o usuário legalizado? Veja: e se o CD dá algum problema? Como resolver a questão numa emergência sem penalizar o usuário? Muita gente gosta de manter uma imagem dos discos instaladores de seus softwares principais como *backup* para se safar dessas situa-

ções, e esse tipo de proteção tolhe seu direito de guardar o software que adquiriram como bem lhes aprouver.
Falta comentar ainda a questão do manual. A qualidade e a quantidade da documentação do Final Cut Pro aumentaram muito na versão 2.0. Mas o manual tornou-se tão grande que ficou difícil consultá-lo. Agora, o que fez a Apple? Dividiu-o em cinco volumes por assuntos diferentes – um pouco demais, na minha opinião.
Como cada volume tem um índice próprio, muitas vezes temos uma trabalheira danada para descobrir em que volume encontramos uma determinada informação. Tudo poderia ser resolvido se houvesse menos volumes, o suficiente para não precisarmos manipular verdadeiros tijolaços, e todos com um índice geral comum.

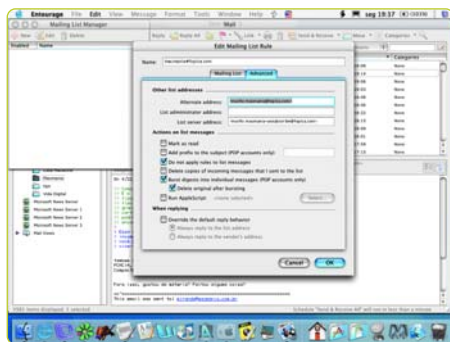
O que ficou faltando?

Em relação a uma maior integração com o OS X, gostaríamos de ver logo, por exemplo, o render no background, coisa que até o iMovie já faz.
A introdução de elementos de interface com o visual Aqua do OS X foi um tanto tímida até aqui – o que para muitos pode significar uma bênção. Mas talvez caia bem aproveitar uma maior intervenção "aquosa" e rever botões e outros detalhes, tentando encontrar soluções para torná-los um pouco mais visíveis e volumosos, de modo a facilitar a operação do software.
Mais recursos em tempo real é o que todos desejam. E sem proxies, de preferência, tal como ocorre no Xpress DV. Torcemos para que o G5 RT venha logo e novas formas de integração com o hardware aumentem as possibilidades de criação sem a chatice do render.
Outro problema do G4 RT está ligado à forma como lida com o limite de efeitos em tempo real. Quando acrescentamos algo que excede a capacidade do sistema, a exibição de todos os outros efeitos que estavam sendo beneficiados com o tempo real são desabilitados e substituídos pela famigerada cartela *"unrendered effect"*. Bem que a Apple poderia, por exemplo, dar um jeito de manter o que já existia, talvez com um *overlay* indicando que nem tudo o que foi aplicado ali está sendo mostrado, ou então diminuir a frequência de quadros da reprodução de acordo com a necessidade real de processamento dos efeitos. Isso vale também para o modo de funcionamento da RT-Mac.
E tanto a Avid quanto a Apple nos ficam devendo uma solução que consiga estender o tempo real para o vídeo codificado em *stream* DV com a saída pela porta fireWire, coisa que até agora nenhum dos dois fabricantes foi capaz de oferecer. Isso sim, colocaria a edição de vídeo no formato DV num outro patamar.
Também continuamos aguardando uma janela de mixer de trilhas de áudio, como as do Media 100i e do Premiere, e ficaríamos felizes com a implementação de recursos de multicâmera.
Seria bom também ver mais produtos relacionados ao FCP compatíveis e rodando no Mac OS X. Claro que isso está praticamente fora do alcance da Apple, mas de qualquer jeito não custa lembrar que ainda falta o suporte a algumas placas e uma enorme quantidade de plug-ins de terceiros (quase todos criados para o After Effects) embarcarem na canoa do OS X.

JOÃO VELHO
É um dos autores do livro "Vídeo e Áudio Digital no Macintosh", que está sendo publicado este mês pela Editora Bookmakers.

Conexão lenta, mensagem compacta

Uma dica de Entourage pra quem tem conexão lenta é receber listas de discussão em formato *Digest* (todas as mensagens juntas num mesmo email), mas para aqueles que não gostam de ler tudo de uma vez, pode-se receber em *Digest* e em seguida redividir as mensagens criando uma Regra (Rule). No menu Tools ▶ Mailing List Manager, clique no Digest já criado ou escolha New para criar um. Na aba Advanced, na seção Actions on List Messages, clique em Burst Digest into Individual Messages. Se quiser, basta depois deletar o Digest original (Delete Original After Bursting). Funciona no Entourage 2001 e no v.X.

Zeca zecamoraes@mac.com

Faça o Entourage digerir seu digest

Recuperando o atalho do desktop

Descobriu tarde demais que jogando fora o atalho do desktop do sistema 9 ele não pode mais ser visto do OS X (quando os dois sistemas estão instalados na mesma partição)? Existem duas maneiras de recuperar o danado, uma com jeitão Mac e outra com jeitão Unix:

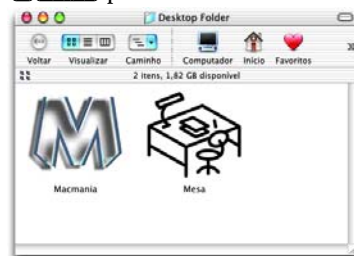
Estilo Mac

Selecione o menu Ir ▶ Ir para Pasta... (Go ▶ Go To Folder). Na caixa de diálogo, digite o nome do seu HD ou partição onde está o sistema 9 (igualzinho ao que aparece no desktop, com espaços e maiúsculas) e depois `/Desktop Folder`. Exemplo: `Macintosh HD/Desktop Folder`. Quando aparecer a janela com o conteúdo da pasta, arraste o ícone que fica na barra de título segurando ⌘Option para criar um atalho no desktop do OS X.

Método Geek

Abra o Terminal e digite `ln ~/"Desktop Folder"~/Desktop/"Desktop (Mac OS 9)"`

Aperte Return e, quando voltar ao Finder, o atalho reapareceu novamente.

(Essa dica vale para os dois sistemas na mesma partição, mas não no caso de eles estarem em discos separados.)

Crie sua "arroba de mola"

Quando você arrasta uma URL do Internet Explorer para o desktop, você cria um atalho de Internet para aquele site. Agora, se você arrastar o iconezinho de arroba (no Explorer) ou o raiozinho (no OmniWeb) para o Dock, você terá um atalho do tipo "arroba de mola". Ao clicar uma vez no atalho, ele vai abrir a página no navegador padrão do sistema. Infelizmente, esta dica não funciona com o Netscape 6 para OS X.

Reprodução automática

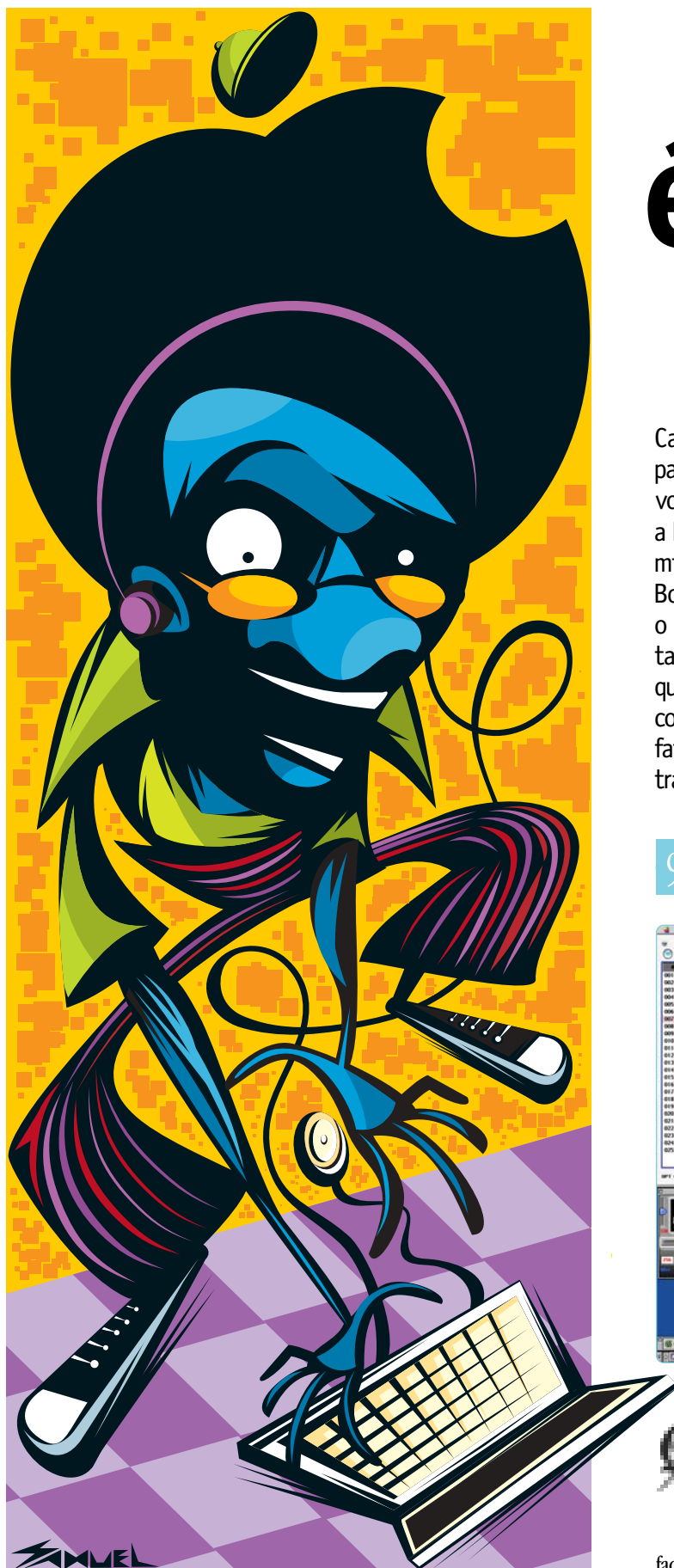
Está rodando o OS X e quer que os CDs de áudio toquem automaticamente quando você os coloca no drive? Abra o iTunes, depois as Preferências e, na aba Geral (General), escolher no menu pop-up "Na inserção do CD"(On CD Insert) a opção "Iniciar a reprodução" (Begin Ptaying). Só que para que o disco comece a tocar toda vez que é colocado, o iTunes precisa estar ligado. Assim, o melhor é colocar o iTunes para abrir no startup (Preferências do Sistema ▶ Login) e escolher a opção Ocultar (Hide). Assim, o programa vai consumir pouca memória do sistema e vai tocar todos os CDs "de prima".

Esconder total

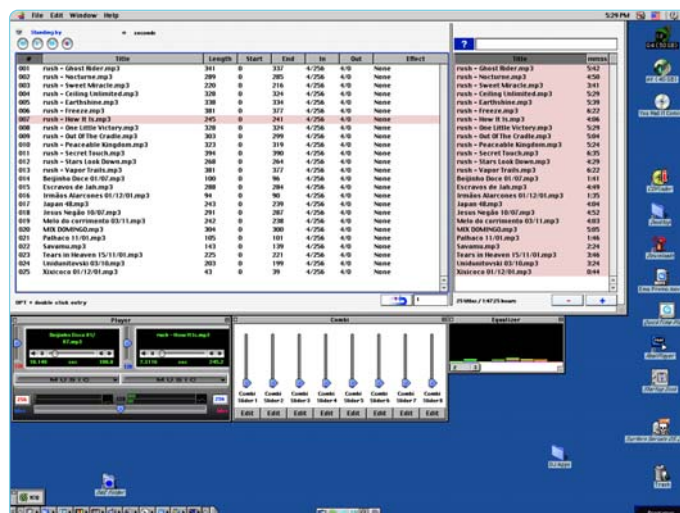
Cansado de ficar procurando a janela de um aplicativo no Mac OS X e ver janelas de outros programas atrapalhando tudo? E não está com vontade de ir até o menu Finder e escolher Ocultar Outros (Hide Others)? Clique no Dock o ícone do programa que vai usar com as teclas ⌘Option apertadas. Isso irá trazer para a frente o aplicativo e esconder os outros.

Escapando do registro

Se você precisar reinstalar o Mac OS X e quiser escapar das telas onde tem que registrar mais uma vez o seu sistema com a Apple (se você já o fez, é claro), não adianta deixar os campos em branco, que o assistente não libera o acesso. Para sair dessa, simplesmente dê um ⌘Q e o assistente irá mostrar uma caixa de diálogo com uma opção de pular (Skip). Daí, você continua configurando sua máquina normalmente.

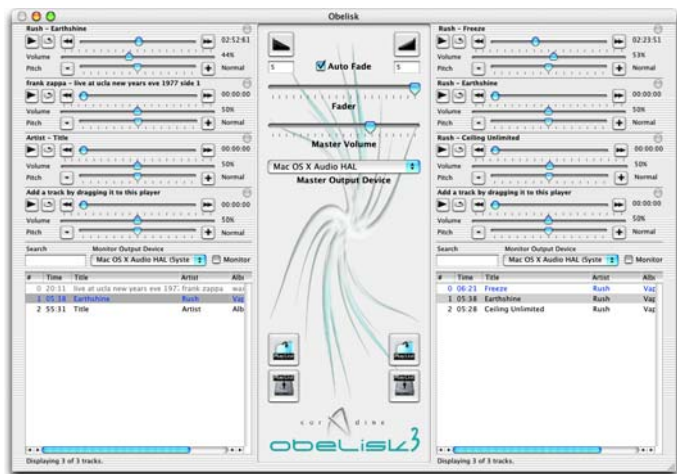
Mande sua dica para a seção **Simpatips**. Se ela for aprovada e publicada, você receberá uma exclusiva camiseta da Macmania.

O mundo é dos DJs

Conheça os programas que vão animar a festa

Cansado de ter que ficar carregando um monte de CDs e LPs para uma festa para garantir uma noitada de música boa? Se você é DJ profissional, amador ou almeja ser um, talvez seja a hora de converter seus discos para MP3 e usar o Mac para mixar a trilha sonora das baladas. Com um iBook ou PowerBook na mão e os programas que apresentamos nesta edição, o trabalho de DJ ficará muito mais fácil e, se quiser, completamente automatizado, já que alguns programas permitem que você não só prepare a lista de músicas que serão tocadas, como também fazem a transição e acertam o andamento das faixas sozinhos. Assim, você pode deixar o Mac trabalhar tranquilo e fazer uma social com os amigos.

Feito em RealBasic, o QTdj tem como ponto forte sua playlist de dimensões generosas e bem fácil de gerenciar. Baseado completamente no QuickTime, o programa não tem grandes destaques e nem é voltado para DJs profissionais, apesar de contar com os efeitos delay, tempo e fade. É bugado e fecha sozinho ocasionalmente. Não vale muito o esforço.

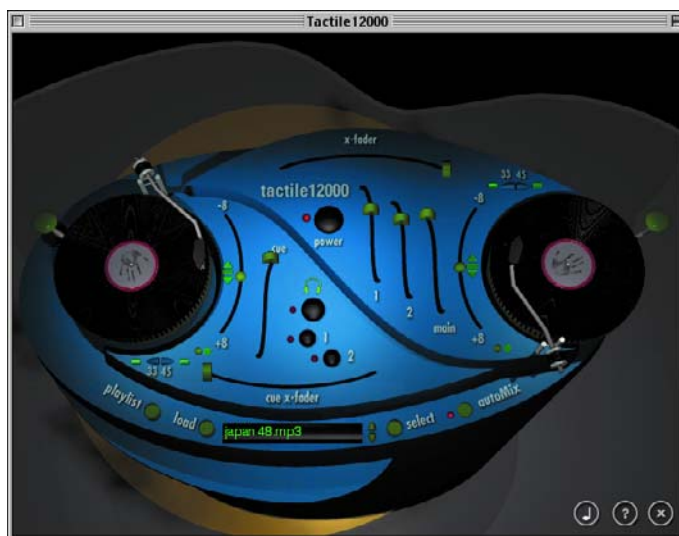
9 X BayTex Party!

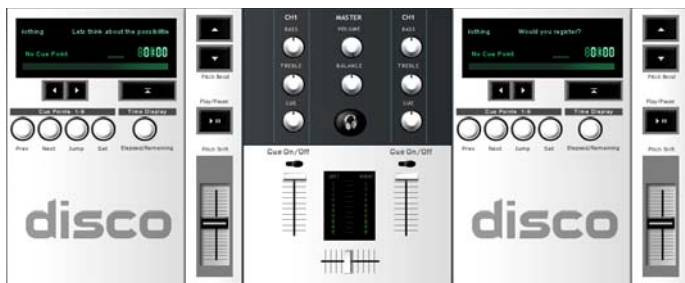
A versão 3 do BayTex Party! ainda está em fase beta, mas é com certeza um dos melhores programas para o macmaníaco que quer ser um DJ computadorizado. Ele foi feito para quem tem múltiplas saídas de áudio em seu Mac (para que a fonte do *headphone* seja diferente do que está sendo tocado, por exemplo), mas funciona bem apenas com a interface padrão do computador, oferecendo dois "decks" com volume, comandos, equalizadores e displays independentes. O programa é compatível com arquivos MP3 ou QuickTime, e conta com mecanismo de busca e listagem de músicas, além da opção que salva como texto o playlist das faixas já executadas. Todos os botões podem ser controlados por mouse, teclado ou até automatizados com o resurso AutoMix. Para completar, é possível alterar o *pitch* (acelerar ou desacelerar) da música, determinar o número de batidas por minuto (bpm) e pedir para o software sincronizar duas faixas. Tem também o botão Brake, que pára a música diminuindo rapidamente sua "rotação". Falta só ter interface Aqua para ficar mais adequado ao OS X. A versão demo permite adicionar apenas 25 itens à playlist, e o software fecha automaticamente depois de 30 minutos. Tem também o Party! Lite, que é uma versão bem simplificada do programa, mas que funciona direitinho.

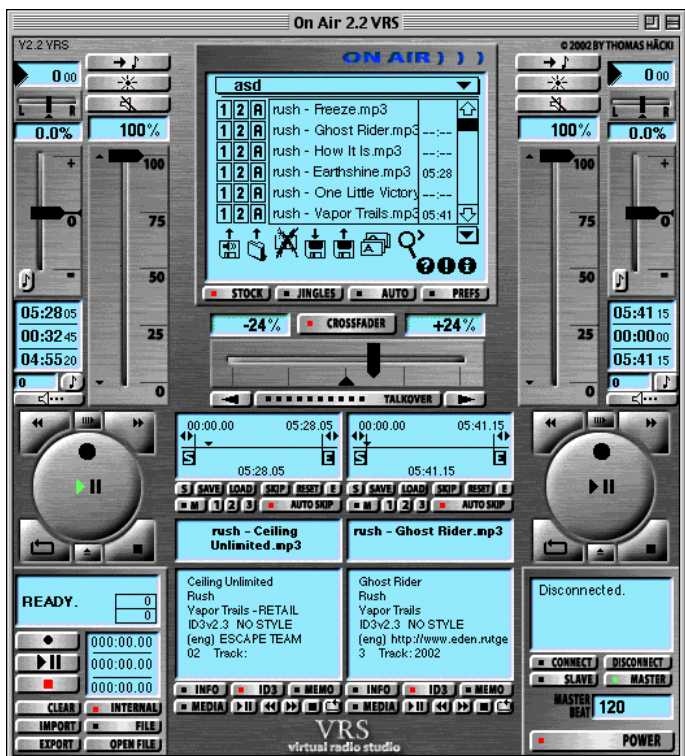
MACMANIA ESCOLHEU

X Obelisk

Ainda em fase beta, o Obelisk ganha o prêmio de interface mais intuitiva e elegante, com a ajuda do visual Aqua. Observar por dez segundos a interface já é suficiente para compreender como o programa funciona. Ele conta com dois "decks" que contam com quatro players com ajustes de volume e *pitch* independentes e playlists separadas. Adicionar arquivos é na base de arrastar e soltar, sendo possível realizar buscas rapidamente e listar as músicas por categoria. Para completar, o áudio de cada deck pode ser direcionado para diferentes saídas de áudio do Mac (se existirem outras). Pena que ainda tenha alguns bugs, mas quando chegar à versão final será uma ótima opção.

9 Tactile12000

O Tactile12000 é destinado aos DJs que gostam de trabalhar com vinil. Neste programa, os arquivos MP3 tomam a forma de LPs que rodam em dois toca-discos distintos, com variação de *pitch* e até mesmo a opção de escolher entre 33 e 45 "rotações por minuto". Você seleciona o ponto da música mexendo no braço da agulha e pode até mesmo fazer scratches virtuais (que não soam nem de longe como os reais). O software, que é gratuito e Open Source, tem transições automáticas ou manuais e controles de *cue*. Pode não ser o melhor, mais é certamente um dos programas mais simpáticos do gênero. Pena que é um pouco bugado.

9 Disco

Antes chamado de Vmix, o Disco é um software para DJ com todas as funções básicas necessárias para controlar o *pitch* e as transições das músicas. Durante muito tempo, foi um dos melhores programas do gênero, mas a falta de atualizações recentes deixou que outras opções melhores surgissem. De qualquer modo, ele é eficiente e fácil de operar, faltando apenas algumas funções automatizadas para facilitar as mixagens. Outro probleminha é o fato de fazer uma cópia do arquivo MP3 quando importa as músicas para a biblioteca. Com o tempo, a pasta Main Library pode ficar inchada inutilmente. A versão demo funciona por 10 minutos.

9 On Air

Programa bem pouco intuitivo, mas que conta vários recursos avançados para DJs e rádios, como a função AutoPitch, contagem de batidas por minuto e recursos de rede para acesso remoto a arquivos. A interface em "aço escovado" é estilosa, mas peca por trazer muitos botões pequenos que dificultam sua compreensão. O fato de rodar apenas no OS 9 também não ajuda. De qualquer modo, vale a pena dar uma olhada de perto.

9 X MegaSeg DJ

O MegaSeg é provavelmente o software para DJ mais conhecido entre os macmaníacos. Com sua interface estilosa e elegante, o programa faz *crossfade* entre as músicas, sincronia de batida e suporta múltiplas saídas de áudio para ouvir e acertar pontos de início das faixas. Oferecendo diferentes tamanhos de janela, inclusive tela cheia, integra-se facilmente ao iTunes e o iPod, o que facilita a importação de suas playlists. O MegaSeg não emprega a metodologia clássica de dois decks e, por isso, os controles não parecem um software clássico de DJ. Porém, ele funciona muito bem, trazendo ainda medidor de ganho e um recurso de ganho automático que compensa as variações de volume da música. Conta também com sistema de procura e categorização de arquivos e permite conectar um microfone com controle de volume independente. A versão demo tem o inconveniente de trazer a cada vinte minutos uma janela que interrompe o som e sugere que você compre o programa. Fora isso, é completamente funcional.

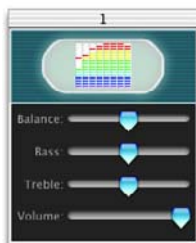
9 X DrDJ Free

O DrDJ Free é um pequeno programinha para quem apenas quer uma ferramenta para realizar as transições entre músicas no momento desejado. Tudo o que você tem a fazer é adicionar músicas à playlist é o DrDJ começa a tocá-las. No momento em que quiser, clique no botão Fade Now e o software fará o crossfade entre as faixas (que pode ser de até 20 segundos) ou então a transição será feita automaticamente quando a música estiver terminando. Não serve para DJs profissionais, mas funciona bem para quem só quer deixar o som rolar e curtir a festa.

9 Yow*

O Yow* (pronucia-se "Yowstar") é um daqueles programas que à primeira vista parecem difíceis e que, quando você vai ver, descobre que não tinha se enganado. Isso porque, em vez de implementar dois decks ou CD players, o programa traz quatro módulos de mídia interativa compatíveis com QuickTime que permitem carregar sons, imagens e vídeo. Tudo pode rolar ao mesmo tempo, com controles automáticos ou manuais para crossfades, scratch, pitch e também contador de batidas por minuto para sincronizar o ritmo das músicas. O Yow* conta com suporte a MIDI usando o OMS (Opcode Midi System), de modo que é possível comandá-lo a partir de qualquer controlador MIDI. O grande problema é que a interface é bem confusa e espartana, obrigando você a observá-la por algum tempo até entender alguma coisa. Os botões são pequenos e muitos não têm legenda. Fora isso, o programa é bem versátil.

X DJ Mix

Nesse programa o termo DJ está sobrando um pouco. Ele não faz *crossfades*, nem ajusta *pitch* das músicas. Você tem dois tocadores de MP3 que suportam até oito faixas simultâneas cada um. Você carrega os arquivos, mas não é mostrada nenhuma informação sobre eles. Tudo o que você pode fazer é ajustar o balanço, volume, grave e agudo das músicas. Sem a possibilidade de criar crossfades entre elas, tudo fica meio sem sentido. A interface é simpática e original, mas poderia ser mais intuitiva e simples. A única vantagem é que o programa é gratuito. Como ainda está em fase beta, deve melhorar alguma coisa. Caso contrário, não vai muito longe.

Onde encontrar

BayTex Party!	3,2 MB	www.baytex.net
Disco	1,5 MB	www.intsys.fi/~Aleksi.Strandberg/Disco/Disco.html
DJ Mix	4,6 MB	www.red-boy.net/software/software/about/djmix/djmix.html
DrDJ Free	328 KB	http://studwww.rug.ac.be/~lbdkeyse/softs
MegaSeg DJ	1,9 MB	www.megaseg.com
Obelisk	923 KB	www.coradine.com
On Air	5,9 MB	www.thhdesign.com
QTdj	2,2 MB	www.pigforce.com/QTdj/index.html
Tactile12000	3,3 MB	www.tactile12000.com/features/index.html
Yow*	578 KB	www.yowstar.com/star.html

Quem leva a vida de DJ a sério com certeza acha a qualidade do MP3 um lixo, só põe a mão em vinil e deve considerar este artigo um sacrilégio. Mas se deixar a ortodoxia de lado, não vai ter como não baixar alguns desses programas, principalmente se já tem um notebook da Apple. Os mais desencanados também não devem se esquecer que o iTunes permite que você edite playlists e já faz as transições entre as músicas automaticamente. Não é exatamente um programa feito para DJs, mas funciona bem na hora do aperto. M

MÁRCIO NIGRO
Cometeu um erro grave na última edição, citando a música "Planeta Sonho", do 14 Bis, como sendo do Guilherme Arantes; ele já foi punido severamente.

Respondemos aqui a dúvidas técnicas sobre Mac, dando soluções para problemas de funcionamento, com o auxílio do AppleLine (5503-0090/0800-1-27753). Envie suas questões para editor@macmania.com.br, informando a cidade de onde está escrevendo.

Regiões no DVD

"Meu Titanium só roda DVDs região 4"

Pergunta: Sou um feliz proprietário de um Titanium, e o utilizo muito em viagens. Mas estranhei muito ao descobrir que ele só aceita DVDs de uma região. É possível desbloqueá-lo para que aceite DVDs de outras regiões?

Savio Zambrotti szambrotti@fischeramerica.com.br

Resposta: É realmente irônico você ter um equipamento que pode ser levado para qualquer lugar do mundo, mas que só toca DVDs de uma região. A culpa não é da Apple, mas da indústria de entretenimento, que fatiou o mundo em cinco regiões de DVD incompatíveis. Oficialmente, só é possível mudar 5 vezes a região do seu drive de DVD, sendo que após isso ele permanecerá trancado na última região escolhida. Centros de Serviço Apple podem zerar essa contagem via hardware, mas também por um número limitado de vezes. Não-oficialmente, é possível encontrar *patches* de firmware na Internet que desbloqueiam o drive de DVD de vários modelos de Mac. O site Mac DVD Resource (www.wormintheapple.gr/macdvd/download.html) traz bastante informação a respeito. Mas atenção: utilizar esses *patches* acaba com a garantia do seu equipamento e pode inclusive danificá-lo. Utilize apenas em caso de total desespero. Depois não diga que não avisamos.

Placa de vídeo

"Posso pôr uma placa de PC no Mac?"

Pergunta: Preciso colocar uma nova placa de vídeo no meu G3 azul. Posso comprar uma Voodoo ou uma GeForce de PC e colocar? Quais placas PCI no mercado são compatíveis com Mac?

Isis Atena isisatena@mac.com

Resposta: Teoricamente, pode-se usar qualquer placa PCI de vídeo, desde que a mesma tenha drivers para Mac. A 3dfx, fabricante da Voodoo, foi comprada pela nVidia e as placas Voodoo não são mais fabricadas. Existem drivers não-oficiais para o Mac OS clássico, mas nada para o OS X, apesar de existirem relatos na rede de usuários com placas Voodoo ligando um segundo monitor que funcionou nesse sistema. Dê uma olhada nos fóruns da Apple (http://discussions.info.apple.com) sobre discussões a esse respeito. Existia um modelo dessa placa para Mac com 64 MB de memória de vídeo. Atualmente, a ATI fabrica placas de vídeo PCI para uso com Macintosh, como a Radeon 7000 Mac Edition (Mac OS 9 e X). Outros modelos disponíveis: Radeon Mac Edition (Mac OS 9), RAGE 128 e Nexus 128 (Mac OS 8 ou maior).

Todos esses modelos, entre outros, podem ser encontrados no endereço: www.ati.com/products/builtdesktopmac.html.

A nVidia disponibiliza para Mac o modelo GeForce3, que requer um slot AGP de 4x, não sendo possível sua instalação em um G3 azul e branco.

FM7

Os anos 80 estão de volta à música

Interface é a cara do DX7, da Yamaha; mas as possibilidades da FM7 são muito maiores do que as do sintetizador original

Durante os anos 70 e o início dos 80, os teclados analógicos eram os reis da cocada preta. Porém, em 1983, surgia o DX7, um dos sintetizadores mais revolucionários de todos os tempos. Desenvolvido pela Yamaha, ele trazia um novo tipo de síntese sonora: FM, ou "frequência modulada". Os timbres eram completamente diferentes do que se ouvia até então, com seus sons de piano elétrico, percussão e baixos que marcaram a música de toda uma década. Além disso, o DX7 oferecia novidades como sensibilidade ao toque, *aftertouch* e MIDI (na época era novidade). Tudo isso por um preço acessível. O resultado foi que praticamente todo tecladista desse período comprou um exemplar, o que fez do DX7 o sintetizador de maior sucesso da história.

NI FM7

Pois bem, os anos 80 estão de volta com o FM7, mais um embasbacante produto da Native Instruments, assídua frequentadora das resenhas da Macmania. E, como sempre, vou encher a NI de elogios. O programa não é apenas um sintetizador virtual que emula o DX7. Mais do que isso, a empresa decidiu trazer a síntese FM para o novo milênio, expandindo suas capacidades.

O FM7 funciona como aplicativo independente – utilizando o som do Mac ou interfaces de áudio compatíveis com ASIO – ou como plug-in VST, MAS ou DirectConnect, de modo que pode ser utilizado com todos os principais programas do mercado, ou seja: Cubase, Logic Audio, Digital Performer e Pro Tools.

Em termos de interface, o FM7 não poderia ter um ar mais adequado. A cor marrom escura, os displays verdes e os botões deslizantes exalam o cheiro do DX7. Até o teclado retrátil do programa é igual ao original, com as rodas de *pitch* e modulação iguaizinhas. As "telas de cristal líquido" ficam sempre na parte superior da tela e abaixo delas é possível selecionar nada menos do que 14 painéis, sendo que os oito primeiros servem para editar os parâmetros de FM e os outros seis controlam parâmetros como *pitch*, LFO e modulação. No final das contas, é muito mais do que o DX7 original – e a maioria dos sintetizadores – oferece.

Um dos painéis do FM7 traz a Master Page, em que você ajusta parâmetros globais como volume geral, polifonia e qualidade digital ou analógica do instrumento. É também onde estão disponíveis o processador de efeitos, que inclui um *delay* com modulação e filtros que podem ser sincronizados a um tempo de MIDI Clock. Outros efeitos, como *chorus* e *flanger*, são acessados na página Easy Edit.

O espírito do DX7

O FM7 vem com o mesmo conjunto de timbres do DX7 original e mais 256 novos presets de ótima qualidade. Você ainda pode importar sons de outros sintetizadores e módulos DX que podem ser encontrados na Internet. Isso fora a opção de criar seus próprios timbres. Não é lá muito fácil operar sintetizadores FM, mas se você tem as manhas, o programa se torna uma grande diversão. De qualquer modo, o manual inclui uma bem escrita introdução à síntese de sons FM. Para os mais afoitos (ou seja, quem não tem paciência de ler manuais), a página Easy Edit traz controles mais intuitivos que funcionam de modo similar aos sintetizadores convencionais (ataque, *decay*, *sustain*, *release* e coisas do gênero). Muito prático.

Resumindo tudo: a Native Instruments não dá bola fora. Tudo o que você necessita é um G3 de 400 MHz ou coisa melhor, além da interface MIDI e de um controlador ou teclado para curtir o FM7 em sua magnitude. Se você é versado na arte de programação de sons FM, então esse sintetizador virtual foi feito para você. A única pena é ele não ser multitimbral, o que não faz muita diferença para quem trabalha em estúdio, mas os músicos de palco talvez sintam não poder usar dois timbres ao mesmo tempo.

E, claro, a Native Instruments ainda não tem representante no Brasil, de modo que só é possível adquirir seus produtos na loja virtual no site da empresa. **M**

FM7

Native Instruments: www.native-instruments.com

Preço: US$ 230

Pró: Expande a capacidade de síntese FM; timbres excelentes

Contra: Não é multitimbral; não tem representante no Brasil

MÁRCIO NIGRO

Laboratório caseiro Epson

O jeito mais fácil de imprimir suas fotos digitais

Eu mesmo, em um passado distante, já tentei convencer minha mãe a deixar transformar o banheirinho lá do fundo em um minilaboratório fotográfico caseiro. Mas nem foi preciso ela dizer não, quando percebi a trabalheira que dá montar um negócio desses. Sem contar que é preciso praticamente ser um químico e ter uma boa grana para manusear e manter aquele monte de coisas. Definitivamente não é para leigos e desajeitados.

Hoje, no entanto, está cada vez mais fácil para o fotográfo-amador-metido-a-laboratorista colocar pessoalmente no papel as fotografias que tira. Com qualidade e sem nem mesmo sentir o cheiro do fixador. É claro que estou falando das câmeras digitais e dos recursos fotográficos das mais recentes impressoras jato de tinta, dos quais você já deve ter ouvido falar.

Esse filão (impressão de fotos caseiras) está na mira dos grandes fabricantes de impressoras. E a Epson é o melhor exemplo das empresas com foco nesse mercado. A empresa está com uma linha de equipamentos para impressões fotográficas de fazer inveja.

O diferencial deles são as características fundamentais para uma boa fotografia, que toda impressora deveria ter: impressão em rolo (com ou sem bordas), resistente à água e com durabilidade de até 25 anos (afirma a empresa) quando impressa em papel *Glossy*, *Matte* e *Photo*. Além disso, a tinta tem secagem instantânea.

Epson Stylus Photo 785EPX

Dessa linha de impressoras da Epson, já falamos sobre duas na Macmania 94: a Stylus Photo 780 e a 1280. Só que para quem tem câmera digital a impressora ideal se chama Stylus Photo 785EPX. O modelo tem as mesmas características da básica 780 com relação à velocidade e qualidade. A sua resolução máxima é de 2880x720 dpi e a impressão é em seis cores, o que garante uma grande fidelidade. A qualidade das impressões é, com o perdão do trocadilho, impressionante. Ficam muito próximas às de um minilab digital *(ver Macmania 92)*, sem pontos aparentes, apenas com um ligeiro "blur" que só vai incomodar os muito exigentes. Para mostrar as fotos pros amigos, tá mais do que bom.

Mas o pulo do gato é que com a 785EPX nem é preciso computador para imprimir fotos digitais. Ela contém um slot PCMCIA, que lê o cartão de memória da câmera direto da impressora. A maioria dos cartões utilizados em câmeras digitais são compatíveis (MicroDrive, SmartMedia, Memory Stick, CompactFlash). A impressora já vem com um adaptador para CompactFlash; para os outros é preciso comprar um adaptador opcional.

Para controlar a impressão há uma pequena tela de LCD. Surpreendentemente, o controle de impressão das fotos

STYLUS PHOTO 785EPX

Epson: www.epson.com.br
11-4196-635
Preço: R$ 1.199

Pró: impressão direto do cartão de memória; qualidade de imagem de cair o queixo
Contra: Os cartuchos duram pouco

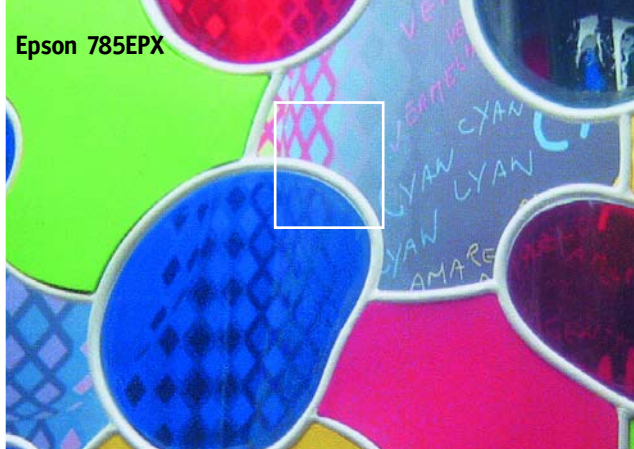
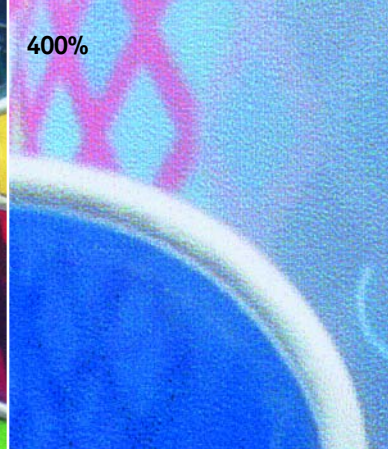
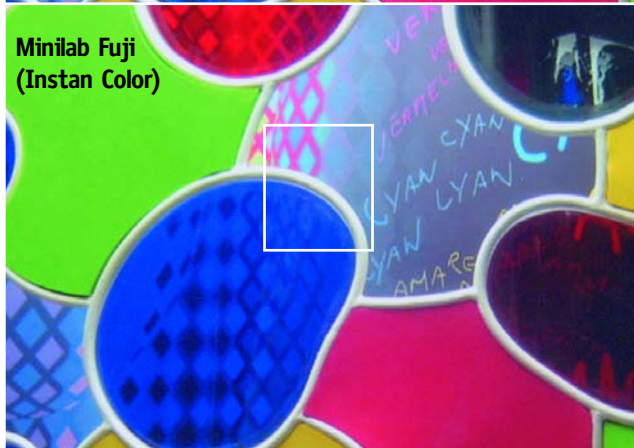
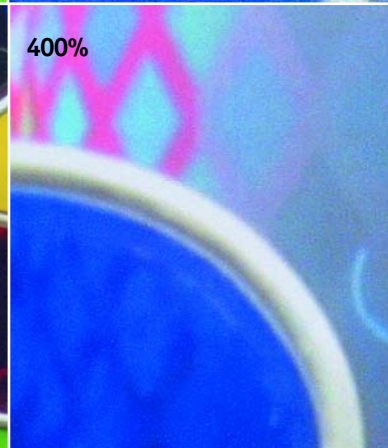
PHOTOPC 2100Z

Epson: www.epson.com.br
11-4196-635
Preço: R$ 1.999

Pró: intuitiva; boa relação custo/benefício; boa conectividade com Mac
Contra: pilhas duram pouco; trambolhuda

Tipos de papel

Não adianta ter aquela impressora e uma baita câmera digital se você não usar um papel decente. Papel fotográfico é caro, mas é fundamental. Dê preferência ao feito pelo fabricante da impressora. A adaptação acaba sendo melhor e as tintas geralmente aderem com mais qualidade. No comparativo da edição 94, por exemplo, as impressoras da Epson borraram no papel fotográfico da HP, que foi usado no teste para todas as marcas. E justamente nos modelos que deveriam garantir menos borrões, já que possuem secagem instantânea. Isso nunca iria acontecer nos papéis vendidos pela Epson.
Ela tem uma linha de papéis chamados Borderless que, nas impressoras da marca, permite a impressão sem margem. Além disso, eles possuem uma resistência maior à descoloração e são à prova d'água. Na linha, existem quatro texturas e modelos de papéis: Photo Paper, Premium Glossy Photo Paper, Matte Paper-Heavyweight e ColorLife PhotoPaper. Um pacote com 20 unidades custa R$ 40. E os tamanhos são os mais variados possíveis, desde os pequenos como 10x15 cm até os de tamanho super B. Quando impressos nesse tipo de papel e de forma correta, a diferença da qualidade em relação a uma foto convencional é imperceptível a olho nu, como no exemplo ao lado.

pela telinha é muito fácil e intuitivo. Você pode, antes de escolher a foto, imprimir um "contato" com todas as fotografias na memória do cartão. Depois é só escolher pelo número. Os formatos que ela suporta são Letter, 4x6, 5x7, 8x10 e rolo de 4 polegadas (como na 1280, há um suporte de rolo junto).
Quem não confia muito em imprimir uma foto sem vê-la pode acoplar na 785EPX um monitorzinho fabricado pela própria Epson (o preço do brinquedo é R$ 699). O aparelho mostra as fotos que estão no cartão de memória.
Pelo painel da impressora dá para controlar a resolução em High (720) e Normal (360 dpi).
Outras opções são a de colocar mais brilho na foto e a PhotoEnhance, que entende as configurações (formato, qualidade, brilho, marcação) feitas na câmera e gravadas no cartão. O recurso, no entanto, só funciona nos equipamentos com Print Image Matching (PIM), como a câmera PhotoPC 2100z, da própria Epson. Outros fabricantes como Sony, Olympus e Konica já estão colocando essa tecnologia em suas máquinas.
Um problema que deve ser ressaltado é a durabilidade dos cartuchos. Como nos outros modelos da linha que testamos, o mesmo acontece com a 785EPX: a tinta acaba em um piscar de olhos. Como não são lá muito baratos (preto R$ 83 e colorido R$ 68), imprimir as fotos acaba saindo mais caro do que revelar suas fotos em um minilab digital. Por outro lado, nada se compara à praticidade de chegar em casa, tirar o cartão da câmera, colocar na impressora e imprimir suas fotos. Isso sim é a fotografia do século 21.

Ficha técnica da câmera

Resoluções	2160x1440	1800x1200	720x480
Extras	Marcação para impressão, correção de branco, plano de fundo brilhante, modo macro, temporizador automático		
Carga	Quatro pilhas AA recarregáveis		
Portas	USB		
Armazenamento	CompactFlash		
Software incluído	Photo! 4, PhotoQuicker, CardMonitor e driver USB		
Dimensões	130 mm x 73 mm x 46,7 mm		
Peso	265 g (sem pilhas e cartão de memória)		

PhotoPC 2100z

A PhotoPC 2100z é a companheira ideal para a impressora 785EPX. Ela traz um botão para "bookmarkear" as fotos que você quer imprimir. Quando o cartão é inserido na impressora, basta apertar um botão e pronto! As fotos escolhidas são impressas. Em eventos onde são tiradas fotos para serem distribuídas para os participantes, não há solução melhor.
A interface é bem simples, toda baseada em ícones. As opções de configuração são bem básicas (resolução, macro, zoom, balanço do branco, redução de olhos vermelhos). Não há como ajustar manualmente velocidade e abertura o que torna a câmera pouco flexível. A PC 2100z é meio trambolhuda e pesada, culpa das quatro pilhas AA recarregáveis que utiliza (e que acabam com uma hora e meia de uso).
A câmera é conectada pela interface USB, mas utiliza um cabo proprietário com um pino RJ-45, que pode confundir muita gente que vai achar que ele é um conversor serial-USB.
No OS X, a câmera é compatível com o iPhoto e com o Image Capture. Além disso, basta conectá-la ao Mac para o cartão interno montar no desktop como um drive (por que toda câmera não faz isso?). A PC 2100z tem um bom preço para uma câmera de 3 megapixels (R$ 1999) e se encaixa bem nas exigências de um fotógrafo amador. M

DANIEL RONCAGLIA
Está tentando convencer sua mãe a comprar uma câmera digital.

Um grande iBook

Apple estica o "portátil para o resto de nós"

por Sérgio Miranda
Fotos Alessandra Cestac

Em janeiro de 2002, durante a Macworld de San Francisco, todos os olhos estavam voltados para o iMac G4 e seu design revolucionário. Mas esse não foi o único lançamento da feira. Despercebido por quase todos, surgiu também um iBook maior, com tela de 14 polegadas. Considerado um sacrilégio por alguns e uma bênção para quem não gosta de ter que ficar com a cara enfiada na tela do computador, o iBook 14 foi uma daquelas novidades que pegaram muita gente de surpresa (inclusive a gente). O sucesso do modelo original ainda era recente; tanto que, durante o lançamento do iBook grandão, Steve Jobs avisou que haviam sido vendidos 36 mil iBooks para uso educacional no estado de Maine – a maior venda de portáteis para escolas de todos os tempos. Então, por que mexer em time que está ganhando? Isso é o que vamos ver.

Grande avanço... ou não?

Quando foi lançado, em maio de 2001, o iBook branco causou um choque ao abolir as cores e curvas psicodélicas da linha anterior. Mas, rapidamente, os macmaníacos viram a vantagem desse novo design: o iBook ficou menor, mais prático de carregar e mais leve (abaixo de três quilos). Agora ele ganhou um irmão maior, que se não traz nenhuma inovação visual como seu antecessor, deixou aqueles que gostam de telas espaçosas com mais uma opção de compra. Com mais memória (256 MB padrão), um HD maior (20 GB) e o Drive Combo (a grande sacada introduzida no lançamento do iBook de 12"), o iBook de 14" encanta à primeira vista. Mas existem alguns pontos que devem ser ressaltados, pois podem deixá-lo menos atraente. Sigamos.

Se a diferença entre as medidas dos dois portáteis parece pequena (veja a tabela), quando colocados lado a lado a coisa muda de figura. O modelo de 12" parece de brinquedo perto da magnitude da tela de 14". E, que me perdoem os puristas, o tamanho da tela é, sim, importante. As razões disso, visualmente falando, são óbvias: maior área útil, melhor resolução... opa, não é bem assim. O tamanho das duas telas *em pixels* é exatamente *a mesma:* 1024 por 768. Por quê? Provavelmente, por questão de custo. O acabamento dos dois iBooks é idêntico e compartilha o mesmo problema: a tampa é facílima de riscar. Para ela não ficar nojenta em uma semana, o transporte deverá ser feito numa mala forrada de flanela, veludo, pelúcia... No quesito "esquentar" também não há diferença. A dissipação de calor é boa e não atrapalha a digitação. O teclado é muito macio – uma constante nos portáteis da Apple – o que é reconfortante. O trackpad é bem posicionado, mas quem está acostumado com os modelos antigos (tanto o iBook colorido como o PowerBook G3) leva um certo tempo para se adaptar à posição mais para dentro do botão. Os novos teclados (tanto no iBook quanto nos novos PowerBooks) trocaram a tecla Option à direita da barra de espaço por uma ⌘, mais

útil para dar ⌘P e outros atalhos comuns que nos laptops exigem mão de pianista.
Agora, o que mais impressionou, colocando os iBooks lado a lado, foi como eles são *parecidos*. Bem... o teclado tem o mesmo tamanho! Os falantes também são os mesmos e estão nas mesmas posições, assim como o botão de ligar. E o microfone fica na mesma altura da tampa em relação à dobradiça.
A impressão que se tem é que só fizeram um gabinete maior e encaixaram a parte interna de sempre na nova caixa. Por causa disso, sobra um bocado de espaço no iBook – o principal motivo de estranheza naqueles que acham o modelo menor mais atraente. No iBook de 12" o design parece mais bem resolvido, justamente porque tudo parece encaixado no lugar certo, sem sobras.

Bugs resolvidos, novos bugs

Na avaliação do iBook 12", encontramos alguns problemas: o cabo da fonte de força trombava na gaveta do drive óptico, foi abolida a luz indicadora de recarga no plug e a dobradiça era difícil de abrir – detalhes que chateavam, mas não eram tão importantes assim. Pois bem: alguns deles foram resolvidos na versão maior. Com o aumento óbvio do gabinete, a bandeja do drive já não bate mais no cabo de força.
Ainda bem, pois esse defeito era mais do que irritante. Outro problema resolvido é a dificuldade para abrir. No modelo de 12", as dobradiças duríssimas deixavam alguns macmaníacos cabreiros. No novo iBook, o abrir e fechar da tampa é macio, como sempre deveria ser.
Além disso, a fonte de força "iôiô" foi substiuída por outra igual à dos PowerBooks G4, trazendo de volta a luz indicadora de recarga (âmbar quando carregando, verde com a bateria cheia). Mas nem tudo saiu como a Apple queria: o modelo de fonte M8482 depois de algum tempo simplesmente esquece que tem a luz laranja e fica apenas com a verde, mesmo quando carregando a bateria. O modelo que testamos já apresentava esse problema. A reclamação é geral e a Apple nos EUA troca a fonte com problema. Infelizmente, algumas dessas que foram trocadas *também* apresentaram defeito. A Apple Brasil também troca a fonte (desde que o aparelho esteja na garantia). Ligue para o AppleLine (5503-0090 se você morar em São Paulo, 0800-27753 para o resto do país) e informe o problema. A Apple irá buscar o iBook na sua casa (isso é chamado de "procedimento de coleta") e o levará para testes num Serviço Autorizado de portáteis. Se ficar constatado o defeito, a fonte será trocada e o iBook devolvido em casa, sem qualquer custo adicional. Se você não quiser esperar (esse leva-e-traz todo demora cerca de uma semana), o jeito é comprar uma fonte nova numa revenda.
Outro problema que existia no iBook de 12" e persistiu no novo modelo foi o... ahã... sistema de som. Os falantes têm um som abafado de- ▶

O que vem dentro

Processador
PowerPC G3 de 600 MHz

Cache Nível 2
256K a 600 MHz

Memória
256 MB, expansível até 640 MB

Barramento *(bus)*
100 MHz

HD
Ultra ATA de 20 GB

Drive óptico
DVD-ROM/CD-RW (Drive Combo)

Portas e conexões
1 FireWire, 2 USB, saída de vídeo VGA para espelhamento, saída de vídeo composto, porta AV, modem V.90 de 56k, Ethernet 10/100BASE-T

iBook de 12"
28,5 x 23 x 3,4 cm
2,2 kg

iBook de 14"
32,3 x 25,9 x 3,4 cm
2,7 kg

Cabo de alimentação não bate mais na gaveta do drive

mais (para se ter uma idéia, o PowerBook G3 Wall Street de 1998 faz mais barulho que o iBook). Assistir a um filme no iBook de 14", visualmente, é bem melhor do que no 12" (apesar de a tela não ser tão brilhante quanto a do iMac G4), mas você vai precisar de um bom fone de ouvido.

A regra de ouro dos laptops diz que, quanto maior o iBook, maior a duração da bateria. A Apple jura que no iBook de 14" o tempo de duração da carga é de 6 horas (se você acredita nisso... bem, tenho um terreno interessante para vender no Vale do Anhangabaú). Isso, é claro, não foi o que vimos durante o teste. No máximo, a autonomia é de pouco mais de quatro horas (isso, é claro, vai depender do que você faz com seu portátil). Mas esse tempo é ótimo para um laptop. Dá pra ver o DVD de "Apocalypse Now Redux" e ainda sobram uns minutinhos.

O iBook vem com o trio de programas do Hub Digital previamente instalados: iTunes, iMovie e iPhoto. Porém, não espere encontrar um CD com esses aplicativos em separado. Se acontecer algum problema e você precisar reinstalar os softwares, terá que usar os discos de Restore (são quatro ao todo). Ainda bem que o drive Combo com gravador de CD ajuda na hora do becape.

Nova fonte é bem bolada, mas já teve o primeiro *recall*

O preço... ah, o preço

O iBook de 14" tem, assim como quase todos os produtos da Apple, um problema crucial e que o impede de ser um sucesso por nossas terras: o *preço*. Lá fora, ele custa US$ 1.799. No Brasil, com as nossas taxas e outros encarecedores, o valor sobe para expressivos R$ 7.990. Para um computador doméstico, isso é proibitivo. Façamos uma comparação – injusta, é verdade, mas que exprime bem essa questão: por menos dinheiro, R$ 6.690, é possível comprar um iMac G4 com a mesma quantidade de memória, o mesmo drive Combo, uma tela de cristal líquido de 15", maior e bem mais brilhante e duas caixas de som decentes. Uma diferença de mais de R$ 1 mil para muito mais vantagens. Certo, não dá pra ficar levando o iMac G4 de um lugar para o outro (eu disse que a comparação não era justa), mas mesmo quando colocado ao lado do PowerBook G4 Titanium (que também tem drive Combo. tela maior e um processador *muito* melhor), o problema não é resolvido: o modelo mais barato (G4 de 550 MHz) custa R$ 8.250. Novamente, uma diferença pequena para se pagar por um modelo melhor.

Só que o PowerBook G4 de 550 MHz, até o fechamento desta edição, estava esgotado no Brasil, e novos modelos acabam de sair.

Outro ponto que "pega" no iBook é o seu processador. Os chips G3 já não são a melhor pedida há algum tempo, principalmente com os avanços do Mac OS X. Por ser um portátil para os mercados educacional e doméstico, o iBook carrega o velho ranço de que "a turba não precisa mais do que isso". Mas um chip G3 de 600 MHz não é pouca porcaria. Se o seu uso se limita à Internet, fotos e trabalhinhos eventuais, dá e sobra. Você pode até brincar de editar vídeo, mas se for trabalhar profissionalmente com isso, o PowerBook G4 vai poupar um bom tempo. Apesar dos pesares, o iBook de 14" é legal e faz uma bela presença na mesa. Tem gente que vai chamar ele de "barca". Mas, se você acha que as suas janelas precisam de muito espaço, esse pode ser o seu portátil.

SÉRGIO MIRANDA
Foi um dos únicos na redação que não ofendeu o iBook de 14" com termos como "barcaça" e "feioso".

Benchmark comparativo G3 x G4

Barras mais curtas = maior velocidade

iBook G3 de 600 MHz
RAM 256 MB – HD 20 GB
Memória de vídeo 8 MB – Cache L2 256K

PowerBook G4 de 550 MHz
RAM 256 MB – HD 20 GB
Memória de vídeo 16 MB – Cache L2 256K

Teste	Mac OS X 10.1 – iBook G3	Mac OS X 10.1 – PowerBook G4	Mac OS 9.2 – iBook G3	Mac OS 9.2 – PowerBook G4
Startup	87s	80s	80s	70s
Copiar pasta com 100 MB	45s	40s	45s	21s
Deletar pasta com 100 MB	5s	2s	13s	6s
Busca no Sherlock	30s	30s	45s	40s
Abrir o Illustrator 10	17s	15s	16s	17s
Abrir o ambiente Classic	60s	45s		
***iMovie:** aplicar transição e render entre duas cenas (efeito com 4 s)*				
Cross Dissolve	37s	33s	54s	64s
Fade In	27s	21s	33s	42s
Scale Down	33s	26s	46s	66s
***iTunes:** ripar para 160 kbps a faixa 21 (duração 7:04) do CD "One – The Beatles"*	124s	43s	114s	74s

Norton SystemWorks 2.0

Dr. Norton e sua equipe chegam ao OS X

Desta vez vou começar falando mal e deixar os elogios mais para o final. Quando o Norton SystemWorks 2.0 chegou na redação, estava ansioso para ver como o produto ia se comportar no Mac OS X e, principalmente, com a possibilidade de ver se o CD "bootável" que vem na caixa amarela permitiria iniciar pelo X. Para minha grande decepção, o disco inicia pelo OS 9, como sempre. O Drive 10, programa sucessor do TechTool Pro da Micromat, "boota" pelo OS X, de modo que achei que a Symantec faria o mesmo com a nova versão de seu produto. Ainda não foi desta vez.

A verdade é que a nova versão é ao mesmo tempo 2.0 e 1.0. Soa estranho? Explico-me. Quando o SystemWorks 2.0 é instalado no Mac OS X, você recebe o Norton Utilities 7 e o Norton AntiVirus 8, que só têm versões para esse sistema operacional. Há um instalador separado para o OS 9, de onde sai o NU 6.0.3 e o NAV 7. Ou seja: para quem usa o OS 9 e tem o SystemWorks 1.0, basta fazer todas as atualizações pelo LiveUpdate que dá no mesmo.

Agora, vamos do início. Porém, como já resenhamos a primeira versão na Macmania 79, vou me concentrar no que oferece no OS X.

Para quem não conhece, o Norton SystemWorks é um pacote que inclui o Norton Utilities, Norton AntiVirus (NAV) e mais três utilitários de terceiros: o software para automatizar becapes Retrospect Express, da Dantz; o Spring Cleaning, da Aladdin, que ajuda a limpar o lixo de seu HD; o Disk Warrior, da Alsoft, que inclui ferramentas extras para recuperação de disco (e a novidade nesta versão). Entretanto, esses três programas apenas rodam no OS 9, de modo que não são muito valiosos para quem já migrou de vez para o OS X.

Chame o Dr. Norton

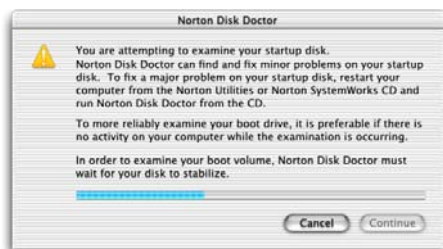
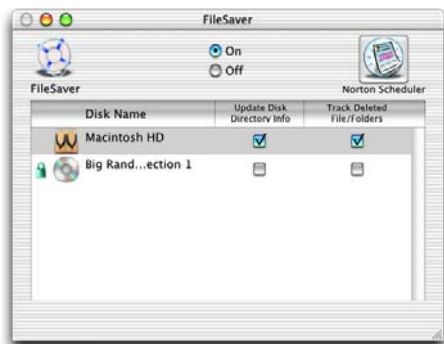
A grande atração do pacote é o Norton Utilities, utilitário essencial e velho companheiro de guerra para manter seu Mac em ordem. No OS X, ele conta com menos ferramentas: o Norton Disk Doctor, que verifica a estrutura lógica e física de seus discos e arquivos; o UnErase, para recuperar dados deletados; e o FileSaver, que vigia seus discos e os arquivos apagados, salva as informações vitais da estrutura de diretório e também informa quando você necessita passar o Disk Doctor ou desfragmentar o disco. Isso, aliás, leva à questão "Cadê o Speed Disk e o Volume Recover?" Eles só aparecem quando você inicia pelo CD, que roda em OS 9, como já foi dito. De acordo com a Symantec, tal fato acontece porque as duas ferramentas funcionam mais eficientemente no OS 9 e, por isso, não foram portadas para OS X. Assim, é necessário utilizar o CD para otimizar e desfragmentar discos com o Speed Disk, ou recuperar a estrutura de diretório de um HD com o Volume Recover (que depende do FileSaver estar sempre ligado).

Norton System Work, agora no OS X

Mesmo descontando esses dois casos, é difícil se ver livre de usar o CD do SystemWorks. O Disk Doctor não é capaz de consertar erros graves (*major problems*) se o disco examinado for o mesmo onde está instalado o OS X. Assim, quando algo mais grave é detectado, será necessário tirar o CD da gaveta novamente e matar a "saudade" do OS 9. Para completar, o Disk Doctor de OS X funciona um pouco mais lentamente do que o de OS 9 na hora de verificar os arquivos.

Já o UnErase se comporta eficazmente e o FileSaver não apresenta quase nenhuma configuração; basta ativá-lo e ele rodará discretamente em plano de fundo, sem que você note sua presença. Certamente, isso foi um avanço em relação à versão anterior, que era intrusiva demais e podia ser bem pentelha, levando muitos usuários a desligá-lo. Bom, agora não há desculpa para não deixar o FileSaver ativo, inclusive porque pode ser fundamental para recuperação de discos e arquivos.

Infectologista ocioso

"Pai, o que é vírus de computador?", peguntou o filho de um macmaníaco que nunca mexeu num PC. Eu não me lembro da última vez que precisei utilizar um antivírus no Mac. Na verdade, eu lembro sim: foi em 1998. De qualquer maneira, é sempre bom ter um "infectologista"

No X, o Disk Doctor "estabiliza" o disco antes da verificação, seja lá o que isso significa

FileSaver ficou quase invisível

O UnErase recupera seus arquivos deletados

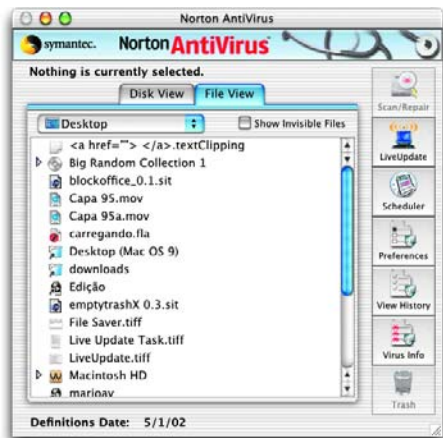
de plantão instalado. Essa é a função do NAV: ficar esperando ansiosamente para acabar com a raça de um vírus ou verme maldito, que talvez nunca apareça. Não há nenhuma grande novidade na versão de OS X, inclusive porque não há muito mais o que melhorar, já que o programa oferecia alto nível (às vezes, até exagerado) de proteção.
O LiveUpdate também não traz nada de novo e continua sendo uma maneira supereficiente de atualizar os programas da Symantec. Basta acioná-lo, e ele verifica se há atualizações de software ou novas definições de vírus de disponíveis

NORTON SYSTEMWORKS 2.0

Symantec : www.symantec.com.br
11-5189-6300

Preço: R$ 145

Pró: Roda no OS X; FileSaver discreto

Contra: Requer muito o uso do CD de segurança, que inicia pelo Mac OS 9; versão de OS 9 não foi atualizada; programas de terceiros não rodam no OS X

NAV: sem grandes novidades

na Internet. Em seguida, baixa os dados automaticamente e já instala os updates. Muito prático. Novidade no SystemWorks é o Norton Scheduler, que agora ganhou um botão na janela principal (antes ele ficava escondido). Com ele, é possível agendar diversas tarefas, como de quanto em quanto tempo o FileSaver checará seu disco ou com qual frequência o LiveUpdate verificará se há atualizações. É uma ferramenta bem prática; basta configurá-la uma vez e deixar ela cuidar do resto.

LiveUpdate mantém o programa atualizado

Saldo positivo

Apesar dessa história de ser necessário usar o CD frequentemente, o saldo do SystemWorks é positivo, ainda que ele tenha se mostrado meio instável (vez em quando, o programa fecha sozinho e depois não abre mais). No entanto, o meu companheiro de redação Sérgio Miranda não ficou muito feliz com o novo SystemWorks. Depois de corrigir problemas de *bad blocks*, o OS X de seu PowerBook não abriu mais. Porém, não soube de mais ninguém que tivesse problema semelhante. Eu corrigi meus *bad blocks* normalmente. De qualquer maneira, todo cuidado é pouco.

Painter 7

As asas para sua criatividade

O Painter, da Corel, é um software para os amantes da ilustração. Diferente do Photoshop, ele possui uma variedade de paletes e recursos gráficos que simulam as técnicas e materiais de desenho e pintura. Com esses recursos podemos reproduzir desde o sorriso da MonaLisa até os quadros excêntricos de Salvador Dalí. Além disso, o programa conta com diversos filtros iguais ou bem parecidos com os do Photoshop que, mesmo com os avanços das últimas versões do Painter, ainda é o melhor software para manipulação e tratamento de imagem. Outra característica interessante que o Painter oferece são as ferramentas de animação, bem simples se comparadas a outros programas existentes, mas que podem proporcionar resultados curiosos.

A Corel conseguiu fazer com que o Painter 7, um dos primeiros programas de ilustração lançados para o Mac OS X, fosse melhor resolvido do que as versões anteriores, principalmente em termos de interface e performance. O programa ganhou um aperfeiçoamento no gerenciamento de cores, que agora suporta o espaço de cor CMYK, maior compatibilidade com o Photoshop e maior facilidade de manipular e organizar suas ferramentas.

Novo visual Aqua (Mac OS X) e mais rápido

NaturalMedia

Uma das principais novidades do Painter 7 é o conceito de NaturalMedia, que proporciona técnicas que chegam mais perto do mundo real. Para garantir maior realismo em suas ilustrações, surgiram três recursos poderosos dentro do programa: a nova tecnologia de aquarelas e tintas líquidas, os grids de perspectiva e dois novos efeitos: Distress e Serigraphy.

Caixa de diálogo da aquarela

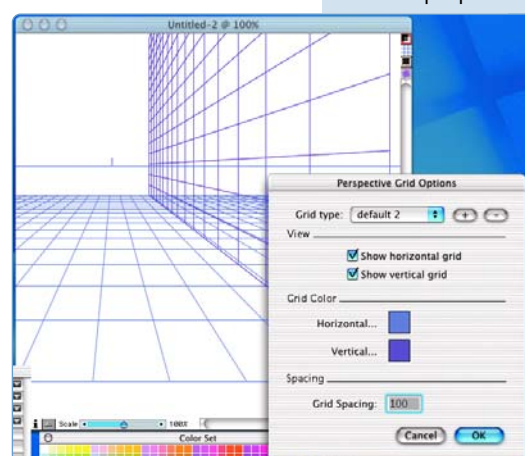
Lembra da antiga palete de aquarela? Se sim, esqueça. A nova é de arrasar. Agora podemos controlar a umidade do papel, a difusão dos pigmentos, a direção das difusões e a evaporação da água do papel, recriando todos os ambientes da aquarela. Em resumo, chega bem próximo da técnica real. A boa nova é que esse recurso suporta layers, oferecendo maior controle sobre a ilustração.

Assim como a aquarela, as tintas líquidas ganharam maior realismo, principalmente nas suas características físicas como viscosidade, superfície, tensão e absorção. Essas tintas podem ser aplicadas em negativo, permitem raspagem sobre o desenho e ainda resistem a transparências em layers, podendo ainda ser aplicadas em contornos. As tintas líquidas podem ser aplicadas nas técnicas *wax resist painting*, *scratch board*, *grass scraping*, *enamel* (esmalte), *encaustic painting*, *intaglio* e outras.

Perspectiva e efeitos

Além dos grids normais, o Painter 7 conta com as grades de perspectiva para auxiliar na criação de desenhos. Os usuários podem movimentá-las tanto na vertical como na horizontal, mudar as cores e ajustar os espaçamentos.

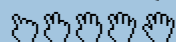
Foram adicionados dois novos efeitos na palete de Woodcut, que serve para reduzir a quantidade de cor nas imagens. O Distress é um filtro para imagens que possuem qualidade deficiente. Ele simplesmente absorve a textura do papel e as luzes da imagem original. É indicado quando a intenção é conseguir linhas e retículas. Seguindo

Grades em perspectiva

Gerenciamento de cores

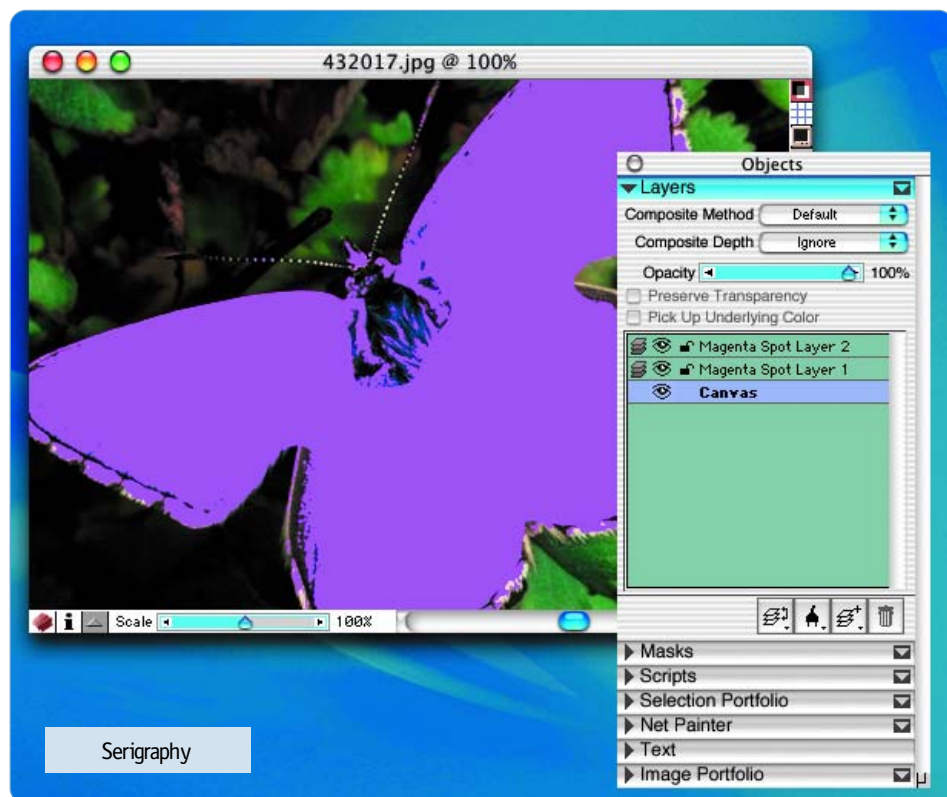
a mesma lógica de redução de cor, o efeito Serigraphy simula as quebras e as cores contínuas da serigrafia, usando como base as cores próximas da imagem para mascará-las. O interessante desse filtro é que ele separa as cores em layers diferentes.
E outra ótima notícia: agora o Painter abre os arquivos do Photoshop, carregando todos os seu layers intactos, sem contar que é possível salvar o documento em CMYK e RGB. E os atalhos de teclado ficaram muito parecidos com os do Photoshop.
Comparado à versão anterior, o Painter 7 permite melhor gerenciamento de cor, garantindo que o programa se adeque aos profissionais da

Personalizando as paletes

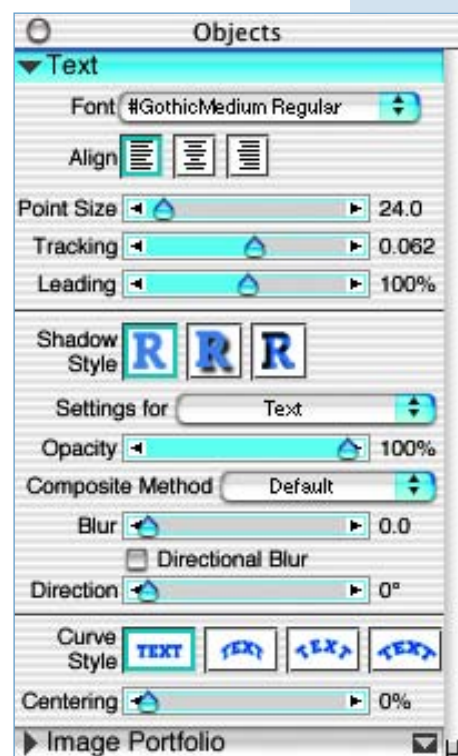
área de arte, design ou Web. Para atender a cada exigência, existem três padrões de gerenciamento de cores pré-definidos – *Web*, *desktop printing* e *professional output* –, que podem ser usados como pontos de partida

PAINTER 7

Procreate: www.procreate.com
11-5561-5474

Preço: R$ 1.079

Pró: Possui ferramentas e materiais variados
Contra: É necessário um tablet; quantidade enorme de paletes

para salvar suas próprias especificações.
A nova organização das paletes e pincéis foi simplificada, sendo possível mover diferentes categorias de pincéis para diversas pastas, e ainda é possível formar caixas personalizadas somente arrastando os ícones de ferramentas e pincéis. A ferramenta de zoom também ganhou cara nova: simplesmente digite a porcentagem desejada ou arraste a setinha e pronto. Embora seja mais fácil organizar as paletes, de vez em quando pode ser um pouco difícil encontrar alguns itens.

É simples

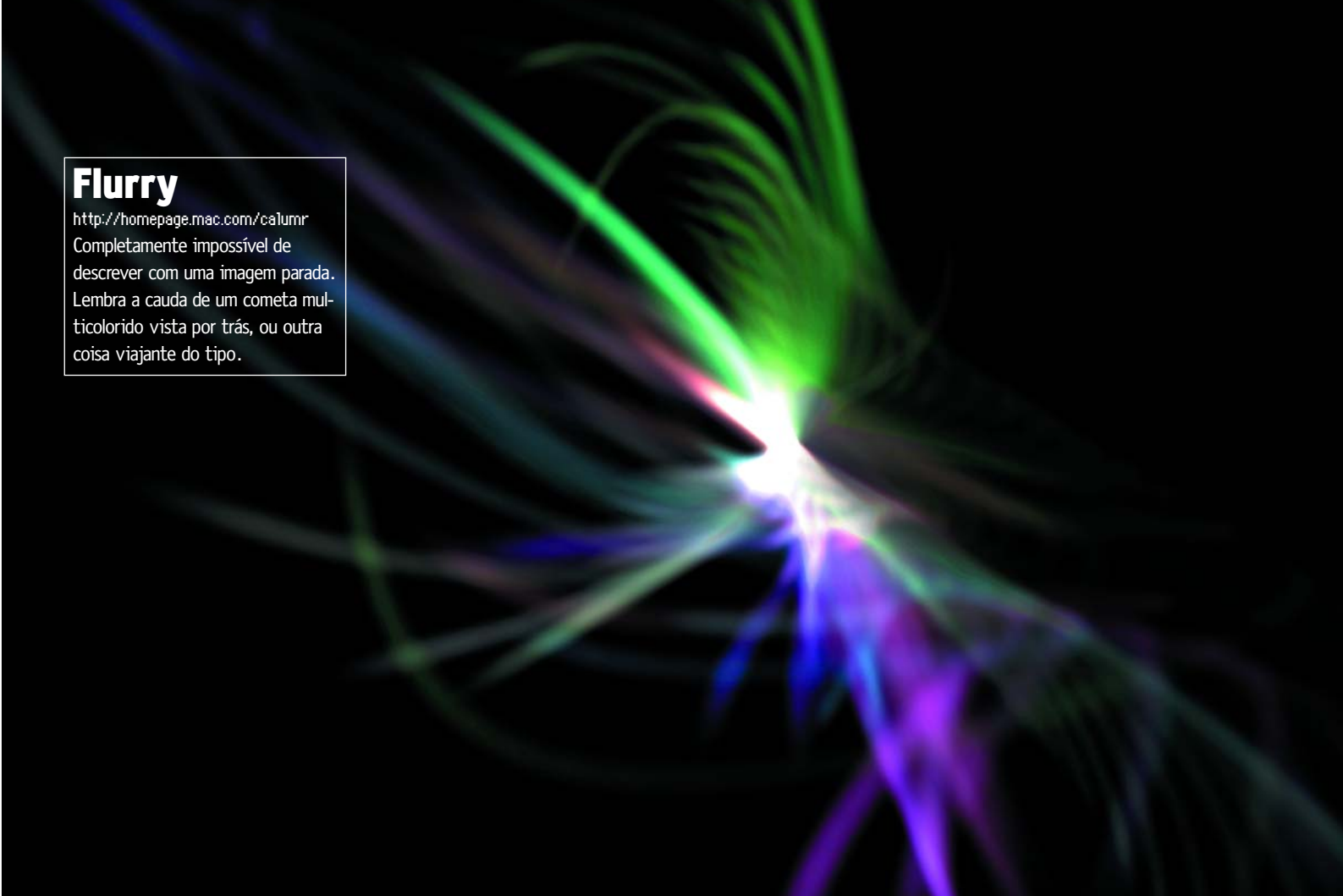
Quem vê todas as paletes flutuantes pela primeira vez provavelmente imagina que o programa é um bicho de sete cabeças.

Text

Ao contrário, ele é bem simples, passado o susto. Na versão 7.0 você pode personalizar sua palete como bem desejar. Assim, a área de trabalho não ficará tão poluída e será bem fácil trabalhar. A palete de textos é outro item que ficou bem interessante e de fácil uso, permitindo colocar os textos em *paths*, oferecendo estilos para sombras e alinhamentos, entre outras coisas. Para quem gosta de criar ilustrações com o auxílio do computador, o Painter 7 é excelente. Contudo, para tirar proveito máximo do programa, é necessário investir em um tablet profissional.

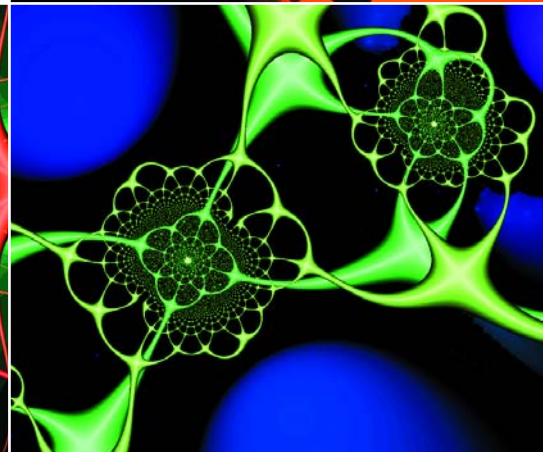
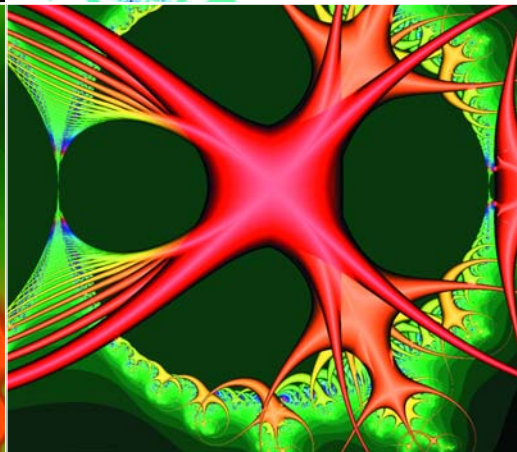
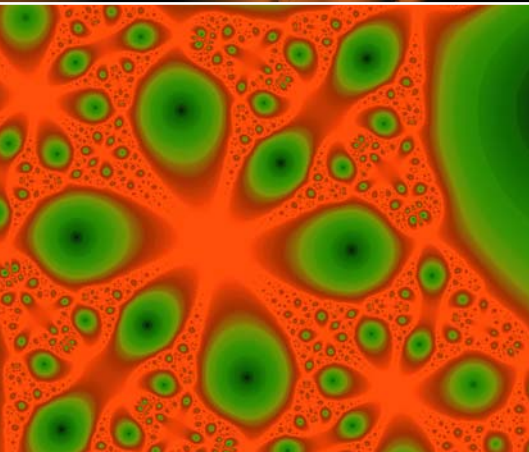
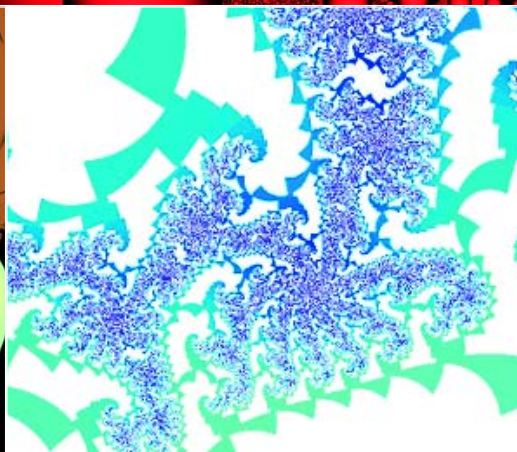
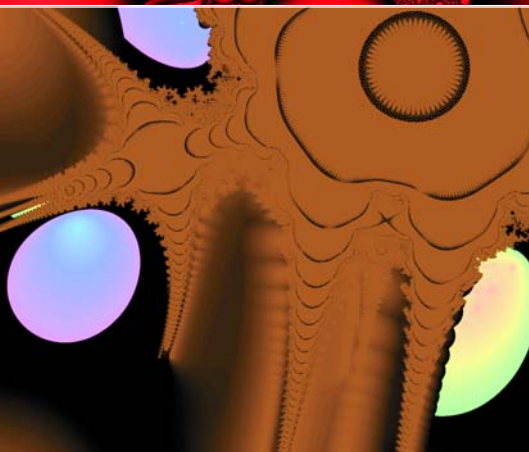
MARINA YUMI TASHIRO
É designer da Seragini Farne.

Serigraphy

Salvem as telas

Porque o Mac OS X tem os screen savers mais chiques que há

Fracture

www.sticksoftware.com/software/Fracture.html

Então você achava que fractais são sempre bregas? Baixe o psicodélico Fracture e perca horas capturando as telas mais bonitas. Este é apenas um dos vários geradores de fractais disponíveis para o Mac OS X.

Flurry
http://homepage.mac.com/calumr
Completamente impossível de descrever com uma imagem parada. Lembra a cauda de um cometa multicolorido vista por trás, ou outra coisa viajante do tipo.

Plasma Tunnel
www.fruitz-of-dojo.de/php/download.php4
Uma queda eterna através de algo que parece ser um tubo fechado e serpenteante de água eletrificada. Só para Macs G4.

breveWalker

www.spiderland.org/breveSavers/

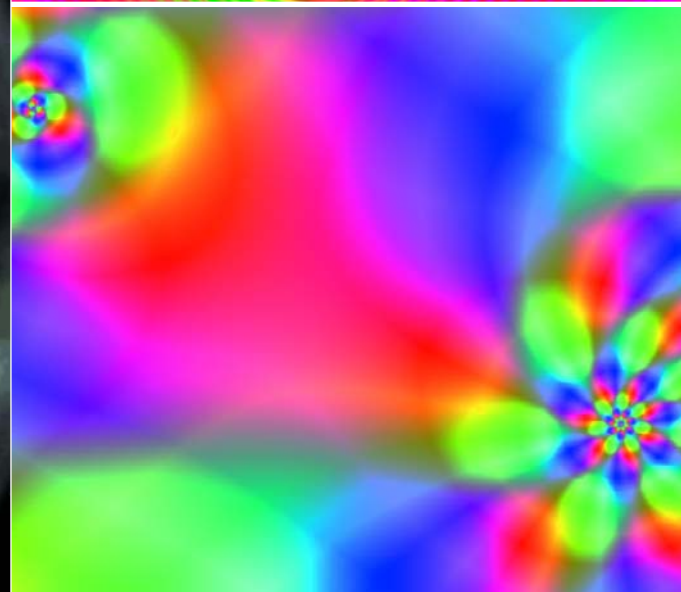
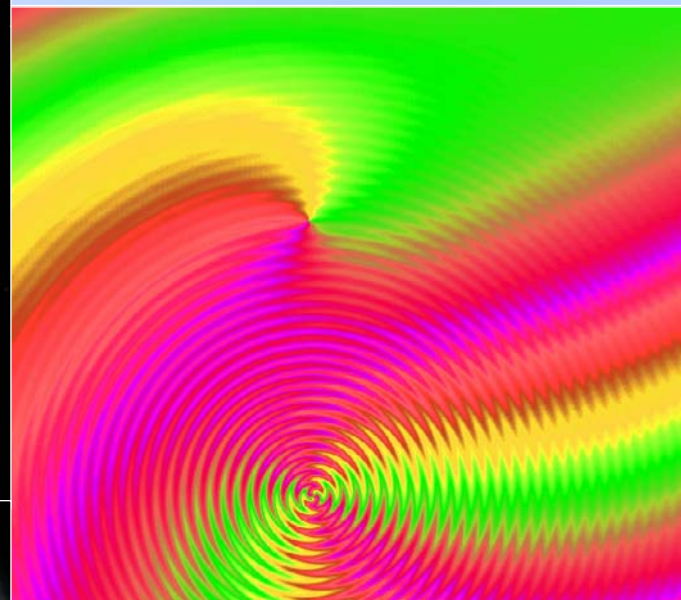
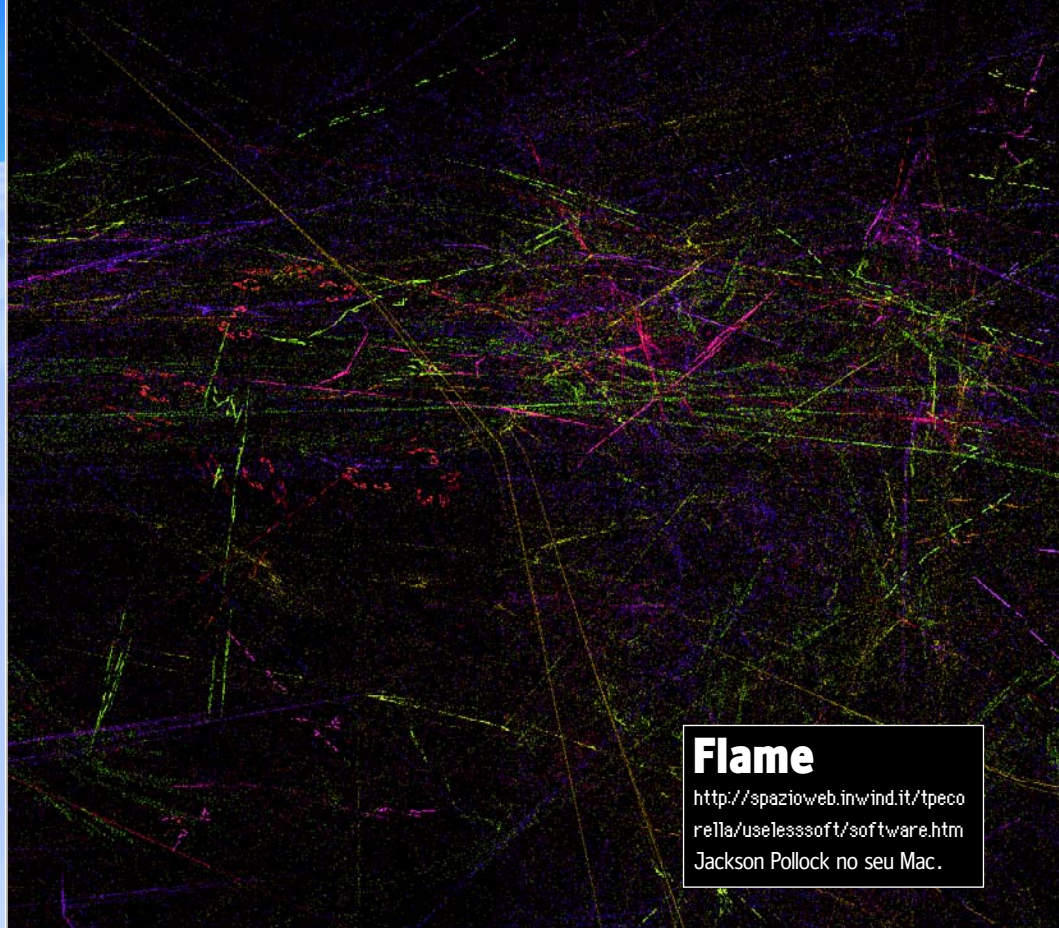
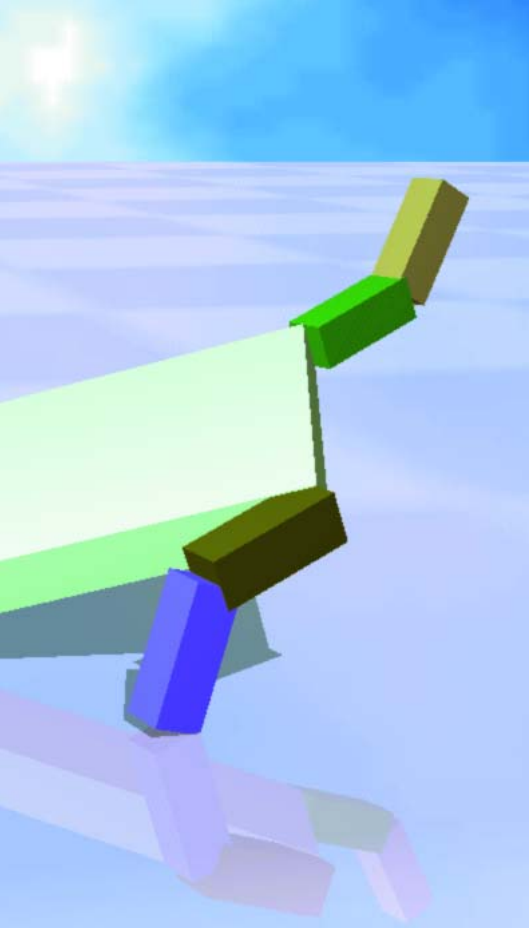
Um experimento de inteligência artificial: o boneco deve aprender a caminhar espontaneamente. É afliti-vo no começo vê-lo se debatendo sem sair do lugar.

Trivectus SS Gravity

www.trivectus.com/index.t?content=Products/SS/index.t

A história, contada em poucos minutos, de um sistema solar bastante movimentado. Planetas aparecem do nada, gravitam, colidem e se fundem, viram sóis... Show.

Flame

http://spazioweb.inwind.it/tpecorella/uselesssoft/software.htm

Jackson Pollock no seu Mac.

illumineX

http://illumineX.com/software.html

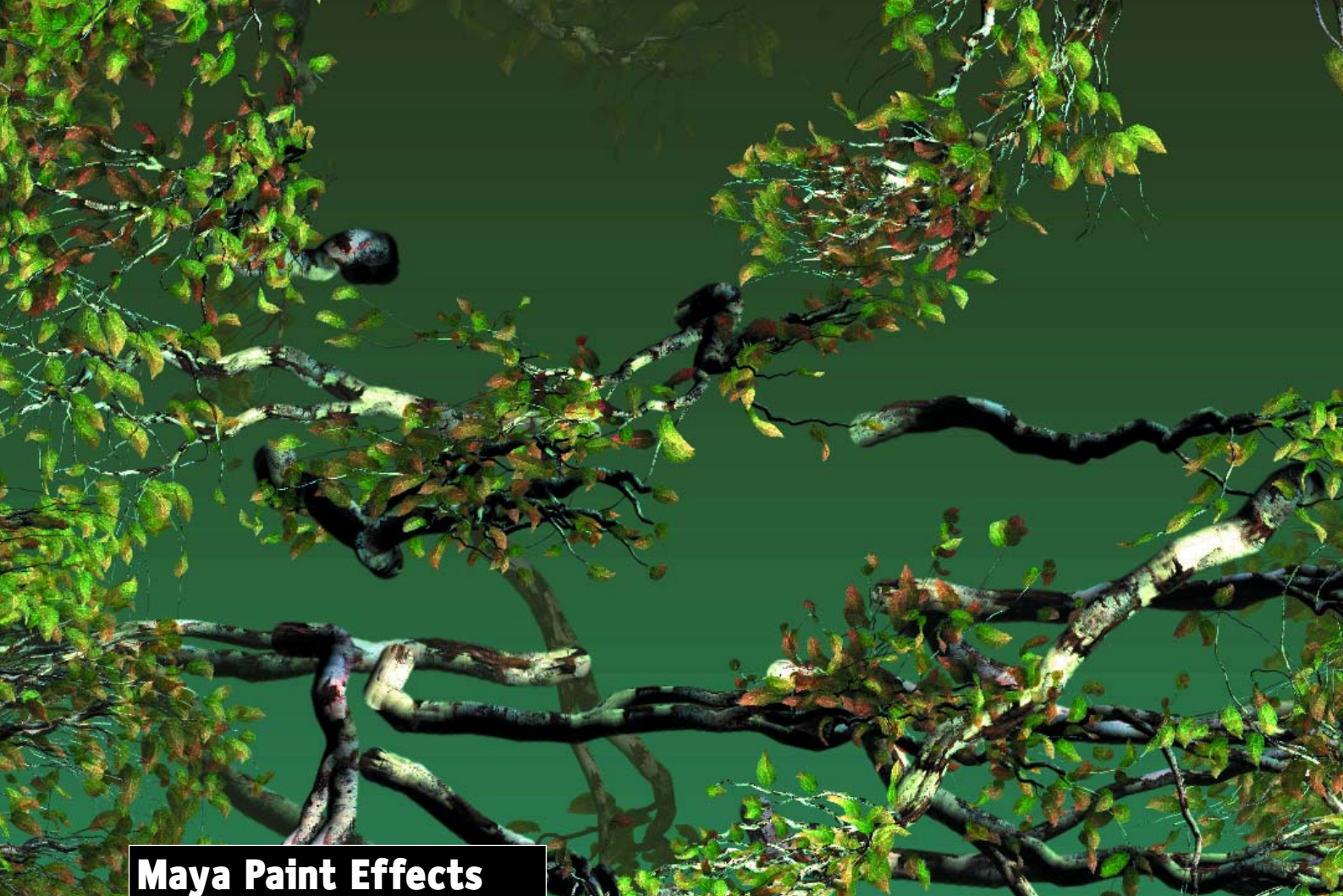
Coleção com 13 módulos. Vale baixar só por causa do módulo Xirtam, que é a mais perfeita imitação das telas verdes de "Matrix".

Swirl

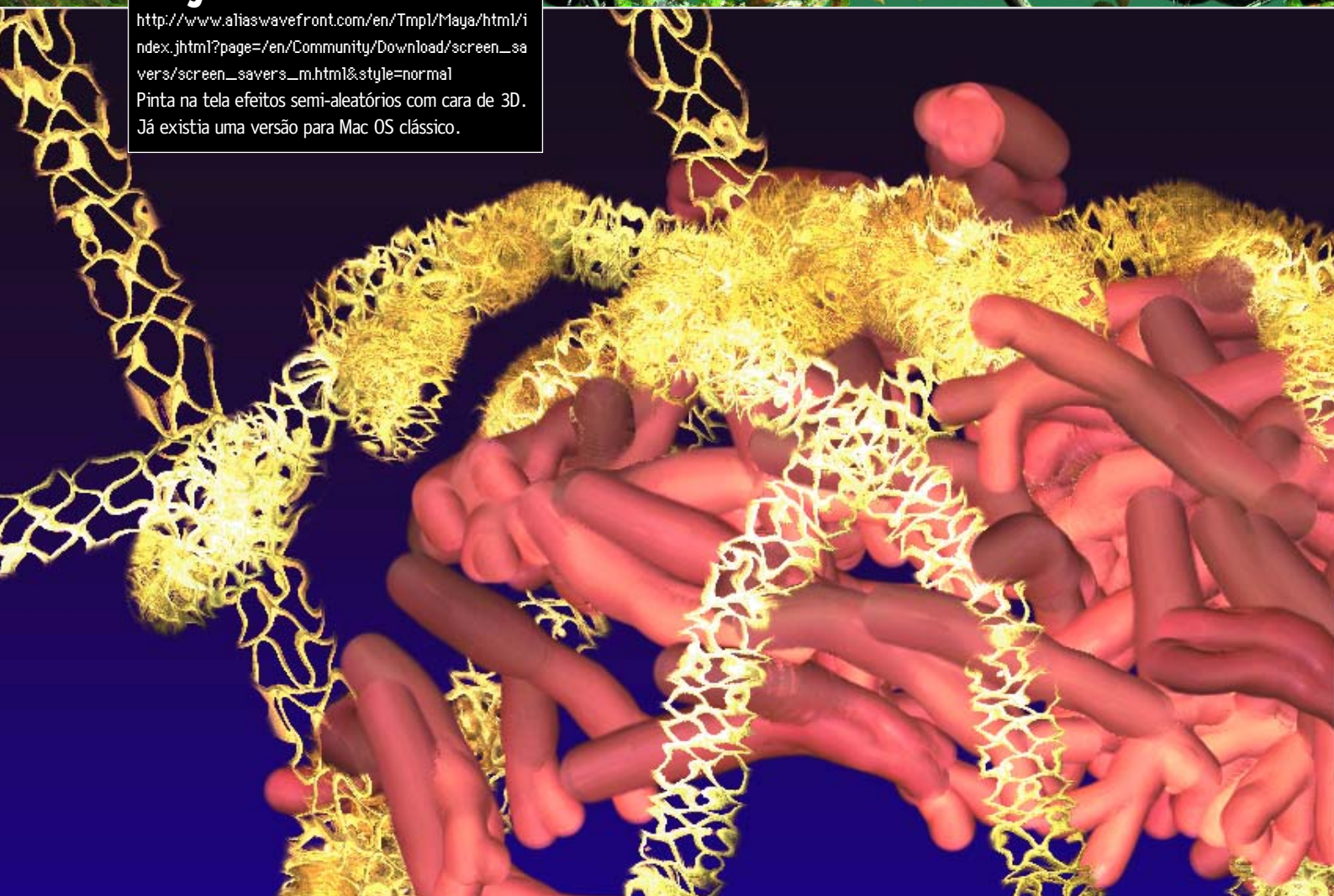
http://s.sudre.free.fr/Software/Swirl.html

FreeFlow

www.sente.ch/software/freeflow/

Versões atuais de um screen saver que já existia no primeiro After Dark.

Maya Paint Effects

http://www.aliaswavefront.com/en/Tmpl/Maya/html/index.jhtml?page=/en/Community/Download/screen_savers/screen_savers_m.html&style=normal

Pinta na tela efeitos semi-aleatórios com cara de 3D. Já existia uma versão para Mac OS clássico.

miPong

www.lindkvist.com

Só pela graça de fazer seu Mac jogar Pong com ele mesmo enquanto você vai pegar um cafezinho.

Mister Hankey

www.rebisoft.com/software_mrhankey.html

O personagem de "South Park" zoa a sua tela.

SkyFly

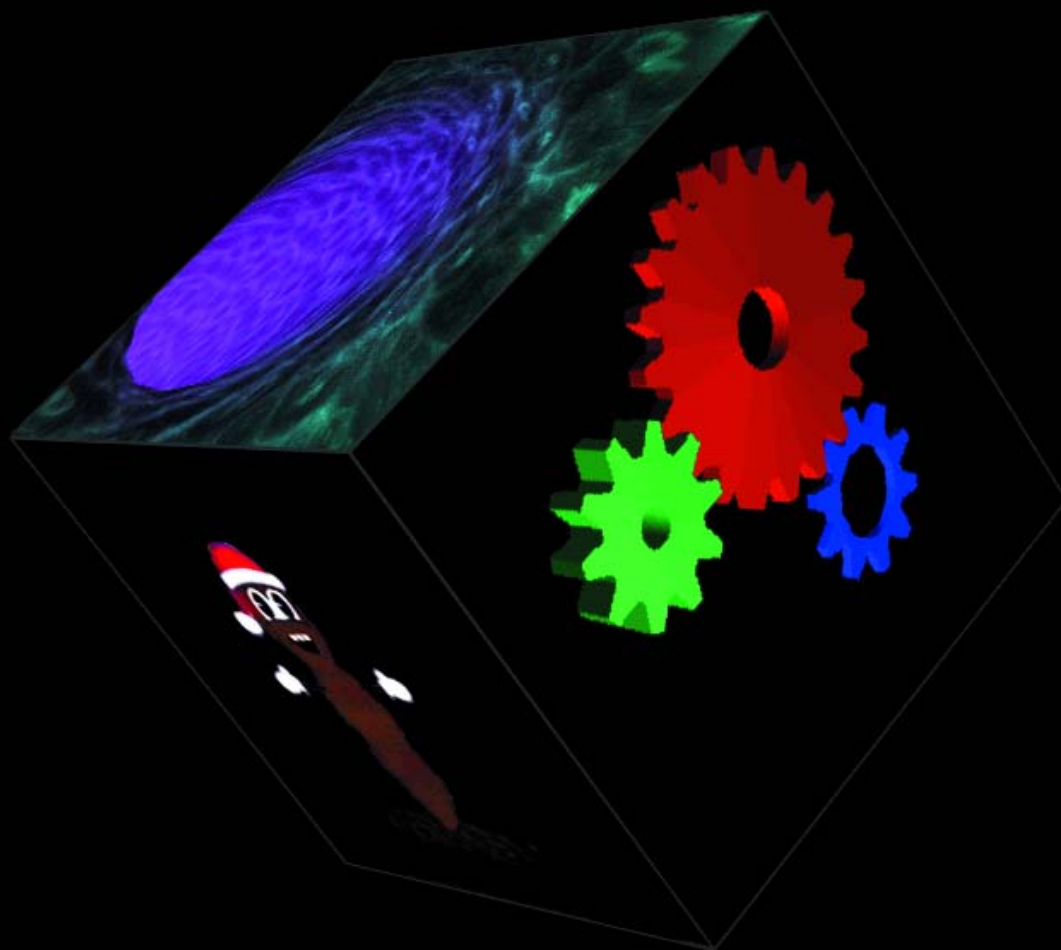
www.dekorte.com/Software/OSX/ScreenSavers/

Brega e retrô, mas com seu charme. Põe você a bordo de um aviãozinho de papel sobrevoando uma paisagem poligonal.

Assimilator

www.dozingcat.com/

Se você quer humilhar todo mundo com seu Dual G4 de 1 GHz, use o Assimilator para rodar até seis screen savers ao mesmo tempo, projetados nas faces de um cubo flutuante. M

Sentado!

O novo iMac é um *puppy*. Um *pet*. Um bichinho de estimação. Só faltou a carinha desenhada na tela. É aquele ano 2000 dos Jetsons que nos prometeram, mas que no lugar entregaram um globo com efeito estufa. Uma ingenuidade tão grande quanto acreditar que na idade da pedra as coisas eram como nos Flintstones. Carro que flutua? Só depois que acabarmos com o petróleo e a borracha – ou melhor – só depois que o petróleo e a borracha acabarem conosco.

O novo iMac não é revolucionário, mas o iMac original também não era. O iMac é um conceito, e não só um modelo Apple. É uma função e pode assumir formas distintas. Tem gente que ainda não entende isso. O iMac é a milésima tentativa (e a mais bola dentro) da Apple de concretizar um sonho de garagem: que a sociedade tome posse do computador e não que ocorra o contrário, como já é fato quase estabelecido.

Em sua primeira versão, ele já chegou formalmente arrojado, semitransparente, colorido, nadando contra a corrente, já prevendo a cachoeira mortal do fim dos drives manetas de 1,4 MB, trazendo conexão Ethernet e se aprimorando com FireWire, CD-R, drive combo, DVD-R e a tela plana de cristal. Era assim que o iMac deveria ter nascido, mas fazer o quê? Quando ele finalmente se completa como verdadeiro e único exemplo do hub digital caseiro, fácil de usar, há de renascer; pois este povo que habita os mercados não sabe o que é bom, e precisa de um tapa na cara.

O conceito geral é o mesmo, mas o conceito do design foi mudado para explorar um novo significado para a aparência do iMac. Não mais a aridez "blade runner" das transparências amaciadas com tons pastéis e tubos catódicos à vista, mas a mensagem "coisinha fofinha e meiga" na medida certa (equilíbrio que não aconteceu com o iBook Tangerine, por exemplo).

O novo iMac tem até a cabeça maior que o corpo, como toda criatura que se propõe a despertar a empatia dos outros com sua aparência desajeitada e pescoçuda.

"Sentado!... Olha o HP! Pega! Pega!... bom garoto... agora cospe a ventoinha aqui!"

Quem já é usuário Apple há muitos anos (dos tempos do Classic e de quando o Mac OS se chamava System) já está acostumado a tratar seu Mac como um cocker spaniel. Há uma relação de complementação entre o usuário e seu Mac. A Apple sabe disso e resolveu apostar mais nessa idéia.

Tecnicamente, não há o que falar do novo iMac, já que sua meta não é a tecnologia de ponta, mas sim trazer a melhor tecnologia estabelecida para seu comando dentro de sua casa. Este iMac chega a um preço acessível (nos EUA; aqui são outros 500% de impostos) com tela de cristal líquido num momento onde poucas são as pessoas que já viram uma tela dessas de perto, quanto mais usaram.

Não há pontos negativos:

1) A celeuma da ausência de disquete evaporou com a presença definitiva do CD-R nos iMacs.

2) O padrão FireWire está estabelecido, apesar do boicote covarde promovido pela Intel.

3) O design continua um desbunde e eficaz.

4) O *bundle* de aplicativos criativos está completo e o iPod está na mão.

5) Mac OS X nativo rodando sussu, G4 com AltiVec, placa gráfica, bus de sistema e capacidade de armazenamento e memória comparável aos Macs profissionais: o mais rápido dos iMacs velhos come a poeira do novo iMac.

6) O preço, a partir de US$ 1.200, é uma barganha por uma máquina dessas (...falando em inglês, é claro). Mesmo no Brasil, a Macmania já provou na edição passada que um PC de marca com a mesma configuração tem quase o mesmo preço, sem as vantagens anteriores. Ou seja: o problema é do país, não da Apple.

Quem achar um ponto negativo, que atire o primeiro Compaq.

A Apple finalizou o iMac. Sua cara poderá mudar várias vezes ainda, mas a partir de agora, as mudanças serão basicamente quantitativas, com adição de algumas tecnologias, mas nada falta a ele. De agora em diante, a Apple só precisa se preocupar com a redução de custos para, quem sabe, tornar o novo iMac acessível aos macmaníacos brasileiros. M

VINI CASSARES

É arquiteto, professor de Design e escreve a coluna RedPill no site Macnews.com.br